

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**DE TORCEDORES A FACÇÕES: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE AS TORCIDAS
ORGANIZADAS NO BRASIL**

AMANDA CHRISTINE LEAL SALLES

RIO DE JANEIRO

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**DE TORCEDORES A FACÇÕES: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE AS TORCIDAS
ORGANIZADAS NO BRASIL**

Monografia submetida à Banca de Graduação como
requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

AMANDA CHRISTINE LEAL SALLES

Orientador: Prof. Dr. Renzo Romano Taddei

RIO DE JANEIRO

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **De torcedores a facções: uma análise do discurso jornalístico sobre as torcidas organizadas no Brasil**, elaborada por Amanda Christine Leal Salles.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Renzo Romano Taddei
Doutor em Antropologia Social pela Universidade de Columbia em Nova York
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro
Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Fernando Antônio Mansur Barbosa
Mestre em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2012

FICHA CATALOGRÁFICA

SALLES, Amanda Christine Leal.

De torcedores a facções: uma análise do discurso jornalístico sobre as torcidas organizadas no Brasil. Rio de Janeiro, 2012.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação
– ECO.

Orientador: Renzo Romano Taddei

SALLES, Amanda Christine Leal. **De torcedores a facções: uma análise do discurso jornalístico sobre as torcidas organizadas no Brasil**. Orientador: Renzo Romano Taddei. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho demonstra como as torcidas organizadas são representadas pelo discurso jornalístico da mídia brasileira, em especial na televisão. Procura-se ressaltar que as imagens de violência e irracionalidade ganham força sempre que este grupo é lembrado nos veículos de comunicação. Para exemplificar isso, o trabalho se debruça na análise do discurso jornalístico de uma pesquisa com uma série de quatorze reportagens sobre torcidas organizadas, exibidas entre 2010 e 2012 na *TV Globo* e no canal *Sportv*. O projeto inclui também um breve panorama da história do futebol e das torcidas organizadas no Brasil e mostra que existem outros retratos e questões que envolvem esses torcedores, e que são pouco observados pela mídia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. O FUTEBOL E TORCIDAS ORGANIZADAS NO BRASIL: UM BREVE PANORAMA

3. A ANTROPOLOGIA DO DISCURSO JORNALÍSTICO: UM CONFLITO ENTRE O *MYTHOS* E O *LOGOS*

4. MÍDIA E TORCIDAS ORGANIZADAS: UM OLHAR SINGULAR

5. CONCLUSÃO

6. BIBLIOGRAFIA

7. ANEXOS

1 – INTRODUÇÃO

Nasci em uma família apaixonada por futebol e torcer sempre foi algo natural, uma atitude incentivada dentro de casa por meus pais e, principalmente, meu avô materno. Graças a ele coleciono ingressos dos jogos do Flamengo no Maracanã desde que tinha três anos de idade. Da boca do senhor Ronald Leal saíram as mais deliciosas histórias do futebol que sei, dos anos 50, 60, da década de ouro do meu time do coração nos anos 80, e é claro das torcidas, das idas ao estádio. Lembranças e informações que estão comigo até hoje e me motivaram a escrever esse trabalho.

Ir aos estádios era um prazer para meu avô. Ele foi criado na era de ouro do futebol brasileiro, viu todos os títulos mundiais do Brasil e sempre me contou com alegria a sensação que tinha de fazer parte dessa massa de pessoas que gritava por uma só causa: o futebol bonito. Nasci na década de 90, justamente a época em que a violência entre torcidas começou a ganhar as páginas dos jornais com mais frequência. No auge da minha loucura pelo futebol, quando pedia de presente de aniversário uma ida ao Maracanã, eu já não contava mais com o apoio do meu avô. Eu não entendia essa atitude. Logo ele, que foi participante assíduo da Charanga Rubro-Negra, uma das primeiras torcidas organizadas do Brasil, me proibindo de torcer pelo meu time. Logo ele, que me contava das sensações incríveis de subir a rampa para as arquibancadas e incentivar seu time junto à multidão. Meu avô me explicava que a torcida tinha mudado, que já não era mais a mesma que conheceu quando era jovem. Apesar das muitas discussões e brigas com meus pais, continuei a ir aos estádios, às vezes conseguindo trazê-los junto comigo. Nunca fui associada a uma torcida organizada, mas dentro dos estádios sempre estive ao lado dela. Faço parte de um grupo que mais do que prezar pelo futebol dentro de campo, vai ver uma partida pelo espetáculo, pela festa das torcidas. E quem sabe o que é isso, sabe que é uma sensação inigualável.

Quando entrei para a faculdade estava claro o caminho que queria seguir: o jornalismo esportivo. No entanto, o trabalho nesse ramo me fez perceber que o discurso jornalístico criado pela mídia sobre as torcidas organizadas é muito generalizado, algo que sempre me incomodou. Quando retratadas nas páginas dos jornais, revistas e na televisão, este grupo de torcedores se torna sinônimo de violência. Tenho certeza de que esse problema realmente existe. Infelizmente, há uma minoria de pessoas que não vai ao estádio para participar da festa, para ver o jogo. A partir de minha visão como torcedora e de minhas experiências pessoais, sei que as torcidas organizadas não são resumidas a estas pessoas violentas.

Essa preocupante generalização, em minha opinião, juntamente com minha vivência profissional, ainda que pequena, me levou ao tema deste trabalho. Seria uma forma de juntar o lugar em que trabalho, o canal *Sportv*, com a minha paixão pelo futebol, destacando um assunto de grande importância nos últimos anos devido à chegada de eventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Além disso, outro motivo que me fez chegar a este tema foi o fato de que apesar da violência entre torcidas ser um problema de conhecimento geral, ela ainda é pouco estudada no Brasil. Grande parte da literatura que trata deste assunto é de origem internacional, principalmente da Inglaterra, que teve que conviver com o problema dos *hooligans* – como eram chamados os torcedores violentos ingleses – na década de 60. A violência por parte das torcidas brasileiras ainda é tomada de um ponto de vista muito policial, mas pretende-se mostrar nessa monografia que essa questão vai muito além disso e conta com uma forte contribuição midiática.

O objetivo principal é comprovar a hipótese de que a visão da mídia é generalizada e estudar de que forma ela é construída. Pretendo fazer uma crítica à postura dos jornalistas no sentido de achar que todos os integrantes de torcida organizada são marginais. Essa hipótese será confirmada através de uma análise de uma série de quatorze reportagens da *TV Globo*, exibidas entre os anos de 2010 e 2012, e que tem como tema central a torcida organizada. Para o perfeito entendimento deste trabalho é fundamental entender a metodologia em que foi construído.

No primeiro capítulo pretendo contar a história do futebol e da origem das torcidas organizadas no Brasil. Para isso foi necessária a leitura de autores como Maurício Murad e, principalmente, Luiz Henrique de Toledo, nomes chave para esse assunto no país. Esse capítulo vai apresentar um panorama de dois fenômenos da cultura brasileira. O objetivo é mostrar que o futebol e as torcidas são um reflexo do que se passa na sociedade brasileira, no seu sentido bom e ruim. As torcidas organizadas são parte de um país onde a impunidade e a corrupção estão escancaradas e se tornando problemas cada vez mais banalizados, sempre acompanhados da visão e de uma influência midiática.

No segundo capítulo, antes de se afirmar que a mídia tem determinada visão, é de suma importância mostrar o entendimento de como esta se apresenta no nosso cotidiano. Entender de que maneira as pessoas recebem o que é dito pela imprensa. Além disso, neste capítulo, pretendo explicar de maneira mais profunda a importância de se estudar a construção do discurso jornalístico da mídia. Não só estudá-lo no sentido da construção, explicitando

quais ferramentas são utilizadas, mas também no sentido da significação. Para embasamento teórico, esse trabalho vai usar as ideias expressadas por Luiz Gonzaga Motta, no texto *Por uma antropologia da notícia*. Utilizarei a oposição explicada por ele entre *mythos* e *logos* dentro das notícias para falar sobre a criação de sentido por parte dos jornalistas dentro das matérias, e da falsa crença de uma total imparcialidade do jornalismo hoje em dia. Outra ideia também retirada do texto de Motta, parte do ponto de vista defendido pelo catalão Lluís Duch. Este explica que o ser humano por si só já é construído por experiências e impressões pessoais, que quando expressadas acabam por gerar uma *miticidade*.

É também nesse capítulo que explicarei as bases necessárias para definir de que forma a análise das reportagens do capítulo seguinte será feita, divididas em três fases. A primeira vai identificar as estratégias organizativas do texto enquanto notícia e tentará encontrar os porquês de determinadas escolhas, as razões de se recorrer a certas ferramentas ou opções textuais dentro das reportagens. Nessa fase serão observadas noções como emissor, destinatário, intenção, identidades e principalmente a relação entre o emissor e o espectador.

Na segunda fase, que se chamará de “análise textual-narrativa”, será feita uma observação mais profunda da construção da narrativa dentro da notícia a partir dos elementos utilizados na etapa anterior. O objetivo é estudar como a construção de sentido vai sendo pouco a pouco colocada dentro da notícia. Essas duas primeiras fases tem a característica de serem mais técnicas e vão se referir sempre mais ao conteúdo e ferramentas utilizadas nas matérias. Por isso, serão analisadas em conjunto neste trabalho.

Por fim, a terceira fase da análise tem como objetivo dar a interpretação a essa construção da matéria, sempre se referindo aos resultados das etapas anteriores. A função dessa fase seria entender os resultados da junção de todas as características observadas anteriormente, de maneira a demonstrar a presença do *mythos* na notícia. Esse seria o espaço da procura das significações mais profundas, como os padrões de discurso e de imagens, ética e a estética da matéria. A partir deste ponto, essas ferramentas previamente identificadas passarão a ganhar um novo contorno, deixando de falar apenas do conteúdo técnico das notícias para tratar do enredo, unindo todos os pequenos detalhes e trazendo uma significação ao que está sendo mostrado.

O terceiro capítulo, o último deste trabalho, vai apresentar a série de matérias pesquisadas nos arquivos da *TV Globo* e do canal *Sportv*. Todas elas foram produzidas e exibidas entre os anos de 2010 e 2012, e retratam acontecimentos relacionados às torcidas

organizadas. É importante pontuar que durante a pesquisa desse material a única expressão utilizada foi “torcida organizada”, para que não houvesse nenhuma busca de sentido específico. Buscou-se toda e qualquer notícia relacionada às torcidas organizadas. A partir disso, se iniciará a análise das reportagens de acordo com as etapas citadas no capítulo anterior. A primeira e a segunda etapa serão analisadas em conjunto por conter caráter instrumental e conteúdo bastante relacionado. Logo depois, a terceira etapa apresentará as conclusões acerca dos resultados da pesquisa.

A hipótese deste trabalho é a de que a mídia constrói um papel generalizado das torcidas organizadas, fonte única de violência no futebol. A partir disso, se buscará mostrar de que forma esse discurso e sentido são construídos pelo jornalismo através das reportagens coletadas. Esse estudo se torna relevante na medida em que possibilita uma reflexão tanto da questão da violência nas torcidas, como também na responsabilidade que a mídia tem sobre esse assunto.

2 – O FUTEBOL NO BRASIL E AS TORCIDAS ORGANIZADAS: UM BREVE PANORAMA

O torcedor de futebol é exatamente assim. Quando o jogador faz um gol está apenas cumprindo os desígnios de alguém na arquibancada. Ele se projeta na imagem do ídolo, mas com uma solene diferença: não desperdiça jamais uma bola. Quicou na frente dele não tem castigo: é gol. Por isso, o torcedor é tão impiedoso com as falhas do seu herói. Falo por mim. Eu mesmo, quando moço, do alto da arquibancada, nunca errei um passe e muito menos um chute. Cheguei a perder a conta dos gols que fiz com os pés que nunca foram meus. (NOGUEIRA apud TOLEDO,1996, p.11).

Brasil e futebol. Palavras que interagem, se completam e, sobretudo, se explicam. O esporte chegou ao país no fim do século XIX, mas ao contrário do que temos hoje, o futebol daquela época era das elites e praticado como forma de lazer pelas camadas mais altas da sociedade brasileira (MURAD, 2012, p.76). Além disso, o amadorismo era também um fator marcante. Nada profissional como hoje. O país ainda tentava encontrar o seu lugar diante de uma nova realidade. Recém-saído da escravidão e com um regime republicano recém-instalado, o Brasil ainda convivia com sinais de uma macroviolência passada por gerações numa história de dominação, exploração e exclusão. Desenvolvido nesse contexto, o futebol carregou essas características por muito tempo.

No entanto, apesar desse panorama, o esporte passou a chamar a atenção das classes mais baixas e excluídas. O atrativo era o fácil acesso, o divertimento que não custava caro, além também das regras de fácil entendimento. O sociólogo Maurício Murad lança uma série de justificativas que deixam claro o apelo do futebol pelo mundo.

Vários são os fatores que ajudam a entender a imensa e variada popularidade do futebol mundialmente. Trata-se da modalidade desportiva mais espontânea (pode ser jogada em qualquer espaço) e imprevisível (porque é jogada com os pés), mais simples e barata (não exige muitos equipamentos esportivos), além de estável (suas 17 regras são universais, existem há muito tempo e não mudam) e democrática (qualquer um, com qualquer tipo físico ou cultura pode jogar – e bem – o futebol) (MURAD, 2012, p.20).

Enquanto entre os ricos o futebol permanecia racista, elitista, nas ruas e vielas das periferias ele se tornava mais democrático. Uma oportunidade para essas pessoas de se firmar, de serem bons em algo que não dependia das camadas mais altas da sociedade. Com o futebol

espalhado por diferentes cidades e bairros, nas três primeiras décadas do século XX vieram os primeiros clubes e agremiações, como o Sport Clube Corinthians Paulista, em São Paulo, fundado em 1910, e o Botafogo, no Rio de Janeiro, fundado no mesmo ano. O futebol acompanhou de perto o crescimento urbano das cidades. A criação das vilas operárias foi ao mesmo tempo seguida pela criação de times nos campos de várzea. Estes não participavam dos campeonatos oficiais dos grandes clubes, mas foram pouco a pouco conquistando a simpatia da sociedade e a admiração do público. Essas equipes também organizavam seus próprios campeonatos e a partir disso surgiram os times de origem mais popular (TOLEDO, 1996, p.16).

Na década de trinta, a profissionalização do futebol teve início. É nesse momento, que a administração dos times passa para as mãos de grandes homens da indústria e comerciantes emergentes da época.

Com o surgimento do profissionalismo, o capitalismo industrial, tanto na Grã-bretanha quanto no Brasil, passou a atuar nas relações sociais e o futebol penetrou nas culturas urbanas e industriais. (...) Desta forma, a administração dos clubes por negociantes e industriais gerava a possibilidade do atleta habilidoso na arte da bola, trabalhar numa indústria e receber altos salários, obter ganhos extras com os chamados 'bichos' e, acima de tudo, adquirir prestígio. (PIMENTA, 1997, p.39)

Foi também durante essa época que começaram as transmissões de rádio, meio midiático que teve importância fundamental na história do esporte no país, além da profissionalização de alguns clubes e ligas regionais. Em 1933, por exemplo, nasceu a Associação Paulista de Esportes Atléticos e a Liga Carioca.

A profissionalização das relações no futebol inaugurou uma fase de transição importantíssima: a popularização do esporte. Esta fase foi marcada por relações paradoxais entre uma prática elitista e racista e outra extremamente negra e popular. Foi principalmente com o governo populista – o Estado Novo – de Getúlio Vargas, que esta característica atingiu seu ponto alto. Os clubes passaram a abrir as portas para a entrada de jogadores negros, pobres e analfabetos, ainda que essa aceitação estivesse muito condicionada às suas habilidades e capacidades. O investimento do Estado no sentido da inclusão das diferenças sociais no esporte e da popularização dele se tornou mais claro com o início da construção de estádios e a promoção da Copa do Mundo de 1950. Com a participação de uma cobertura midiática cada vez mais interessada no assunto, o futebol passou a protagonizar um papel

democrático no Brasil que nenhum outro setor conseguia fazer, tornando-se assim um fenômeno de massa. O esporte cresceu junto com a história do Brasil em um período em que barreiras muito importantes eram quebradas, tanto no quesito social como econômico, e, portanto, carregou em sua raiz todas as características dessa época.

Ao mesmo tempo dessa promoção, o processo de profissionalização levou também o esporte a uma etapa de aburguesamento. Criou-se uma distância entre o que o jogo, o que acontecia dentro de campo, e os torcedores, que antes eram parte de um só grupo, mais informal. Estes passaram, então, a ser mais independentes em relação ao futebol praticado, aos clubes e agremiações.

Jogadores que antes eram membros da comunidade, como ainda ocorre em times pequenos, de segundas e terceiras divisões, passam a ser profissionais-celebridades com quem a torcida não interage de forma significativa; inclusive porque tais jogadores tendem a permanecer pouco tempo em cada clube. Qualquer resquício de experiência de comunidade ficou então restrito às torcidas, ao que ocorre nas arquibancadas (TADDEI, 2012)¹.

Este afastamento da torcida em relação à prática do futebol pode ser lida como uma primeira justificativa para o grande problema da agressividade e violência entre os torcedores. Estudiosos que resolveram falar sobre esses casos pelo mundo, como Eduardo Galeano, entendem que o futebol servia como um espaço de liberdade diante de um panorama político repressor – no que se refere às épocas das ditaduras -, mas também como um instrumento de alienação popular para evitar que as massas populares entendessem o que se passava ou se reunissem (TADDEI, no prelo, p.6). Na Inglaterra, por exemplo, um dos sociólogos mais famosos que falaram sobre o *hooliganismo*, Ian Taylor, afirmou que a violência entre os torcedores era uma reação do público ao aburguesamento da sociedade como um todo (TAYLOR apud TADDEI, no prelo, p.7). Em seu trabalho sobre as torcidas organizadas na Argentina, Renzo Taddei ainda cita outros autores que se aproximam mais da realidade brasileira. Pablo Alabarces revela uma hipótese de que esse distanciamento faz com que o torcedor se sinta alienado do real ato do futebol, onde agora estes passam a ser meros espectadores. Juntamente com isso, o esporte se torna um espetáculo pelo aumento da

¹ Entrevista de Renzo Taddei ao site *Esporte Essencial*.

Disponível em: <http://www.esporteessencial.com.br/entrevista/renzo-taddei-torcidas-organizadas>. Acesso em 24/11/2012.

cobertura da mídia, deixando o torcedor cada vez mais de lado, numa posição cada vez mais empobrecida.

Nas décadas de quarenta e cinquenta, o crescimento das metrópoles brasileiras, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, foi acompanhada das construções dos primeiros grandes estádios de futebol, entre eles o Estádio Paulo Machado de Carvalho, o *Pacaembu*, e o Estádio Jornalista Mário Filho, o *Maracanã*. A popularidade do esporte e sua adoração eram cada vez maiores, como conta Luiz Henrique de Toledo:

O Campeonato Paulista de 1940 contou com a presença de 11 clubes, organizados em uma competição de dois turnos e que passou a ser um marco da história da popularidade do futebol. Em 1942, em uma partida de estreia em São Paulo de um dos maiores jogadores de todos os tempos, Leônidas, o inventor da bicicleta, São Paulo Futebol Clube vs Sport Clube Corinthians Paulista levou 70.281 pessoas ao estádio. (TOLEDO, 1996, p.19)

O Maracanã, naquela época o maior estádio já construído no mundo, foi marca de um momento que não só firmou o futebol como paixão nacional, apesar da decepção na derrota contra o Uruguai na final da Copa do Mundo, mas que também levou esse sentimento para o conhecimento internacional. Isso também foi acompanhado de uma projeção para o mundo de uma imagem do povo brasileiro, de nossa cultura. Entre 1950 e 1970, a Seleção Brasileira conquistou três vezes a Copa de Mundo, algo inédito até então. Neste período, o Santos Futebol Clube, de Pelé, ainda ganhou dois Mundiais Interclubes, competição que reúne alguns dos melhores times do mundo.

A partir disso, o Estado, que já vinha investindo no esporte como um dos instrumentos de transmissão de ideais e mensagens para a população brasileira, aumentou seu investimento em torno do futebol, no sentido de colocá-lo como elemento aglutinador de paixões, de um amor nacional, de uma ideia de conjunto pela pátria. A construção de novos estádios cada uma das mais importantes cidades do território nacional e o bicampeonato mundial, conquistado nas Copas de 1958 e 1962, só confirmaram esta ideia.

Pouco depois desse período, com o país sob o governo da ditadura militar, o futebol se tornou definitivamente um dos principais instrumentos ideológicos do Estado (TOLEDO, 1996, p.24). É durante o governo militar que se desenvolveram as ideias que associaram a imagem do brasileiro diretamente ao universo do futebol. Expressões e slogans como “país da bola” e “a pátria de chuteiras”, “A Taça do Mundo é nossa, com brasileiro não há quem

possa!”, “120 milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração!” e “Ninguém segura mais este país!”, são facilmente encontradas em relatos e propagandas da época.

Durante o final dos anos sessenta e os anos setenta, a CBD, Confederação Brasileira de Desportes, na época o que seria hoje a CBF, Confederação Brasileira de Futebol, recebeu a missão levar o futebol para todos os cantos do país, como uma forma implícita de expandir o poder político do governo militar. Coube a ela a organização do calendário dos campeonatos estaduais e a criação do Campeonato Brasileiro. Outra ferramenta foi a criação da Loteria Esportiva, com o objetivo de arrecadar dinheiro para as despesas dos clubes e da própria CBD.

No entanto, nem tudo era perfeito. Durante toda a década de setenta, o calendário dos campeonatos de futebol promovidos pela CBD sofreu inúmeras alterações. O número de equipes nunca era o mesmo, os nomes da competição mudavam, divisões eram feitas, entre outras modificações. Tais alterações transformaram o campeonato nacional em um verdadeiro instrumento de manobras com finalidades políticas. O campeonato de 1979 chegou a ter a participação de 96 clubes. As fórmulas de disputa dos campeonatos eram criadas ano após ano, muito mais a partir das necessidades políticas do que de outras.

Esta situação sustentou-se por uma década e, no início dos anos oitenta, começou então a sofrer transformações políticas e sociais (TOLEDO, 1996, p.32). Década esta que marca a pior fase do futebol brasileiro, tanto no plano interno, quanto em nível internacional. No período da abertura política, as discussões, que antes eram proibidas pela ditadura, tomam as ruas e espaços públicos, não deixando de fora o futebol. A “Democracia Corinthiana” foi o maior exemplo desse momento. O movimento baseava-se em uma gestão em que diretores e jogadores do clube participavam ativamente de todas as decisões ligadas ao time do Corinthians. Entre os jogadores que tiveram ativa participação nessa época estão Sócrates, Casagrande e Vladimir. Com a forte influência do futebol na sociedade brasileira, o movimento corintiano foi tomado como exemplo dentro e fora do esporte, através da prática dos valores de liberdade e democracia.

No entanto, ao mesmo tempo muitos escândalos vieram à tona em torno do futebol por todo o país. Os casos foram denunciados para a opinião pública, com a corrupção de dirigentes, árbitros e jogadores para favorecer resultados políticos e a manipulação de resultados de jogos da Loteria Esportiva. Foi a época marcada pela descoberta da Máfia da Loteria. Juntamente com esses escândalos, a década de oitenta também foi marcada pela

especulação imobiliária e por um desenvolvimento urbano desorganizado, aumentando ainda mais a desigualdade que sempre existiu no país.

No início dos anos noventa, os clubes de futebol deixaram de ter a assistência do Estado e, com isso, os ingressos ficaram mais caros, afastando muito dos torcedores dos estádios. O prejuízo cresceu ainda mais e muitos dos bons jogadores tiveram que ser transferidos para o exterior, já que os clubes não tinham subsídios para pagar os altos salários, que aumentavam cada vez mais. Conseqüentemente, o público também se afastou. Não só por esse, mas por tantos outros motivos. Entre eles, a violência nas torcidas, um dos temas deste trabalho, que teve seu auge nessa década. Os clubes passaram a necessitar de reformulações e essa também foi a época da entrada do capital privado externo criando os chamados clubes-empresa, que persistem até hoje.

Sendo assim, percebe-se que o futebol teve participação ativa na história do Brasil. memória desse esporte, como se pode acompanhar, é acompanhada pelas mesmas desigualdades, exclusões sociais e políticas que caracterizam boa parte realidade brasileira nestes últimos cem anos. Tentar fingir que isso não existe ou não aprofundar essa questão, quando temas diretamente ou indiretamente relacionados ao futebol são retratados, é um erro. A mídia, outro dos principais pilares dessa monografia, é uma das grandes responsáveis por isso.

O esporte se tornou mais do que entretenimento, formando novos atores sociais nesse contexto como os jogadores profissionais, os políticos dos clubes e dirigentes, a imprensa esportiva e a popularização de torcedores conhecidos por tamanha devoção a esses times e equipes.

A torcida organizada, então, pode ser tomada como uma das melhores formas de exemplificar a interação entre futebol e Brasil. Assim como a própria história do esporte, as torcidas brasileiras nasceram e carregaram traços da cultura do país, e foram mostrando ao longo dos anos um retrato da própria sociedade brasileira, uma sociedade que crescia a todo vapor, mas que ao mesmo tempo via crescer os problemas e as violências sociais, como a desigualdade, a má qualidade da educação, entre outros. A mídia, como mediadora e construtora de opiniões teve e continua tendo um papel importantíssimo na formação da visão sobre essa parte atuante e observadora do futebol.

Ao contrário do que se pode imaginar, as torcidas organizadas não nasceram diretamente “organizadas”. As primeiras torcidas não tinham essa ideia como central. O

primeiro movimento em torno das torcidas no Brasil data das décadas de trinta e quarenta, na mesma época em que se iniciou a profissionalização dos clubes e o início das primeiras competições. Os principais livros que tratam do assunto, como o *As torcidas organizadas de futebol*, de Luiz Henrique de Toledo, e *Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e auto-afirmação*, de Carlos Alberto Máximo Pimenta, contam que essas organizações começaram com a fundação da Torcida Uniformizada do São Paulo, por Laudo Natel, governador de São Paulo em 1960 e 1970, e Manuel Porfírio Paes, em 1940, e com a Charanga Rubro-Negra, do Flamengo, em 1942, por Jaime Rodrigues de Carvalho. A partir de então, as torcidas organizadas, como chamamos hoje, podem ser divididas em dois tipos a serem explicados a seguir. Diferenças que foram se estabelecendo de acordo com o contexto político e social da época.

Esse primeiro tipo de torcer tinha como objetivo acompanhar o time, com bandas, bandeiras e o amor, não importando mais nada. Um sentimento que se misturava com a nossa cultura, no sentido de levar os símbolos do carnaval, a música, as bandas para dentro dos estádios. Foi nessa época que os “torcedores símbolo” ficaram conhecidos. Pessoas que acompanhavam o time em qualquer situação e aglutinavam mais torcedores a sua volta nos estádios. Eles representavam o todo e muitas vezes estavam vinculados aos clubes, que por tamanha devoção, chegavam a apoiá-los e financiá-los em viagens para competições fora do Brasil. Não só os times, mas a própria imprensa prestigiava essa festa, a carnavalização, entre os espectadores do futebol:

(...) Houve um tempo em que chefes de torcida como Jaime R. de Carvalho, o líder da Charanga rubro-negra, mantinham seus comandados sob uma disciplina quase severa. O objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar seu time. E do outro lado do estádio ninguém via inimigos, mas apenas adversários que deviam ser superados não na força, e sim na festa das bandeiras, na animação das batucadas (AREOSA apud TOLEDO, 1996, p.21).

Maurício Murad (MURAD, 2012, p.88) conta em seu livro que Jaime de Carvalho, presidente da Charanga Rubro-Negra, ainda chegou a ser eleito “representante de todas as torcidas” na delegação brasileira da Copa do Mundo de 1954, na Suíça. Uma relação de respeito que seria muito difícil de se ver hoje em dia.

Nas décadas de cinquenta e sessenta, o futebol brasileiro era frequentemente associado a um romantismo, à “raça do brasileiro”, a um talento nato, ao sentimento de que havíamos

nascido para sermos os melhores. Mesma época em que brilhavam em campo alguns de nossos maiores craques como Pelé e Garrincha e a economia do país também cresciam como nunca. Toledo explica que “o Brasil, que começava a ser identificado como o *país da bola*, é o mesmo que construiu no imaginário popular a figura do torcedor símbolo, espontâneo e interessado apenas em externar sua paixão pelo time (...)” (TOLEDO, 1996, p.23).

A partir da década de setenta, a sociedade brasileira se encontrava em novos contornos. O governo passou a ser militar e isso influenciou o começo da construção de uma nova forma de torcer. O futebol já estava mais que consolidado como paixão nacional, deixando seu caráter elitista e passando a evocar pessoas de todas as classes sociais. O esporte tinha se transformado em um espetáculo e isso envolvia todos os setores da sociedade, da própria população à mídia. O Brasil passava por um período conturbado na ditadura militar e essa segunda fase das torcidas organizadas, assim como nos grandes centros urbanos, trouxe também novas ideologias que iam contra o regime instalado. Isso incluía uma quebra na antiga formação das torcidas, aquelas que eram presididas pelos torcedores símbolo. Era o princípio da torcida organizada no sentido que conhecemos hoje. Foi nesse período que nasceram as Torcidas Jovens.

Nós éramos meninos ainda. 1969 foi uma época muito difícil. Nós da Torcida Jovem sofremos mais do que as outras torcidas (...) Nós fomos criados numa época que quando tinha um festival, era proibido cantar música no festival. Era proibido cantar músicas dos festivais nos estádios de futebol. A Elis Regina, que ganhou prêmios com “O Bêbado e o Equilibrista”. Teve uma época que a polícia nos batia, porque a gente estava cantando (DAMIÃO, 2007)².

Além de torcer pelo clube, as torcidas organizadas passaram a ter um papel de pressão política dentro dos times, além de também quererem se firmar como parte independente desta na sociedade, ganhando independência tanto social, quanto econômica. A possibilidade de reunir uma grande quantidade de indivíduos em torno de um coletivo possibilitou que essa organização torcedora começasse a exercer grande influência política junto aos seus clubes (TOLEDO, 1996, p.28). Além disso, a Loteria Esportiva, instalada nesse momento, e os seguidos investimentos recebidos pelo governo, fizeram do futebol e do “torcer” um negócio

² Cosme Damião, diretor da *Torcida Jovem do Santos*, em entrevista ao programa *Overdrive* do canal *MTV* em 2007.

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=JWA7op2ipKA. Acesso em: 25/11/2012.

rentável. O primeiro exemplo desse novo contexto foi a Torcida Jovem do Flamengo, criada em 1967, com o nome de “Poder Jovem”, fazendo referência ao movimento “Black Power”, manifestação que acontecia nos Estados Unidos na mesma época. Foi durante esse período que começaram a surgir os primeiros sinais da violência dentro de grupos de torcedores. Segundo Toledo, “era instalada no Brasil uma nova maneira de torcer. As maiores Torcidas Organizadas seguem este modelo. Inauguram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores, expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim, num determinado estilo de vida” (TOLEDO, 1996, p.26).

Assim como o futebol, durante a década de setenta e oitenta, o torcedor também passou por um processo de “profissionalização”. Este passou a cobrar do clube o investimento necessário para comprar jogadores de nome e também para a conquista de títulos. Assim, portanto, as torcidas organizadas foram estabelecendo relações diversas entre elas mesmas, com os dirigentes, imprensa e com o próprio universo do futebol profissional.

Nós sempre somos criticados por acharem que nós temos comodidade, ou preferência, ou facilidade em algumas coisas. Mas temos que ter, porque faça sol, faça chuva, quem está presente é a torcida organizada. Palmeiras pode jogar no inferno e quem vai estar presente vai ser a torcida organizada. Se cair para a segunda divisão, quem vai estar presente no primeiro jogo, lá em Brasília, é a torcida organizada. Em todas as circunstâncias, a torcida organizada está sempre presente (LOPRETO, 2007)³.

No entanto, foi em 1995 que a violência nas torcidas organizadas tomou uma dimensão pública. Em agosto deste mesmo ano, um confronto entre as torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube e da Sociedade Esportiva Palmeiras ficou marcado como a “Batalha do Pacaembu”. A briga aconteceu durante o jogo das equipes pela final da Copa São Paulo de Futebol Júnior, torneio que acontece todos os anos na capital paulista e reúne as divisões de base dos principais clubes do Brasil. O episódio no Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho teve 102 pessoas feridas e uma morte. As duas torcidas foram punidas após o confronto, sendo proibidas de entrar nos estádios. No entanto, as mesmas continuam a frequentá-los com nomes diferentes, separadas ou disfarçadas.

³ Izidoro Lopreto, diretor-geral da *Mancha Alvi-verde*, em entrevista ao programa *Overdrive* do canal *MTV* em 2007.

Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=JWA7op2ipKA. Acesso em: 25/11/2012.

De acordo com Maurício Murad:

(...)entre 1999 e 2008, fomos campeões mundiais nas mortes de torcedores, se compararmos com os levantamentos dos países que estão no *primeiro mundo do futebol*(...) contabilizou-se 42 mortes nesses dez anos, uma média de 4,2 por ano. Ultrapassamos Itália e Argentina, que estavam à frente do Brasil no início do período investigado (MURAD, 2012, p.38).

Nas últimas décadas, que vão de encontro com um momento de crise e reestruturação no futebol brasileiro, o tema da violência tem estado cada vez mais em pauta nos meios de comunicação e na sociedade. No entanto, é importante perceber que este tema envolve outros ainda mais profundos e que unidos dão a dimensão de um porquê para o problema da violência entre torcidas.

O Futebol é um esporte movido à paixão, com uma dose extrema de sentimento, que mexe psicologicamente com todos os torcedores. As emoções ficam a flor da pele. Desse modo, como é um esporte que move multidões, este ambiente torna mais fácil o cenário do irracional e da violência. A multidão dá ao indivíduo violento o anonimato que outra situação não daria. Escondidos entre várias pessoas, em um grande “bando”, os torcedores se permitem fazer o que não fariam individualmente. (MURAD, 2012, p.53). Sigmund Freud também explica a questão:

Nada há que pareça impossível ao indivíduo, quando este está inserido na multidão (...). Quando uma pessoa está misturada à multidão, o seu comportamento é, via de regra, irracional. Especialmente quando se trata de jovens (FREUD apud MURAD, 2012, p.52).

No entanto, esse não é a única visão acerca da violência nas torcidas. Ainda que não possa ser apontada como razão para o problema, é importante perceber que a violência entre torcedores é uma forma de reflexo da violência que acontece na sociedade, problemas de ordem social, como o desemprego, a falta de acesso à educação e à saúde. São o que Maurício Murad chama de macroviolências, que aparecem e afetam tanto o futebol, como outros setores do cotidiano da sociedade como a família, o trânsito, o trabalho. No entanto, no Brasil, há que se destacar dois desses fatores macrossociais, que influem mais que todos no âmbito social: a impunidade e a corrupção. Murad explica:

Estes podem ser considerados violências por si só e de fato resultam em mais atos violentos, já que estimulam e acentuam outras causas sociais, culturais, jurídicas. Mais que isso: são problemas estruturais – porque presentes em quase todos os grupos, setores e instituições sociais – e históricos, uma vez que acontecem em todas as conjunturas, isto é, em todas as épocas, em todos os momentos da nossa formação cultural (MURAD, 2012, p.11).

A partir desses problemas, a reação que o poder público tem também é de fundamental importância. Se os casos de corrupção ou violência são recorrentes, sem que haja nenhuma repressão aos crimes ou tentativa de recuperação, a sensação será de total impunidade. Ainda que este panorama esteja mudando, com julgamentos como o do Mensalão, por exemplo, esse é o clima e a imagem que a sociedade brasileira teve do país durante muito tempo. A violência se tornou algo natural, banal e a imprensa tem muito a ver com isso também. Todos os dias é fácil deparar-se com uma quantidade enorme de jornais expondo crimes, assassinatos, casos de corrupção, entre outros. É como se a realidade fosse sobreposta por essa única visão.

Em agosto deste ano, Diego Martins Leal, de 29 anos, foi baleado e morto durante uma briga entre torcedores do Vasco e do Flamengo, em Tomás Coelho, subúrbio do Rio de Janeiro. O fato foi noticiado na mídia diversas vezes, mas em quase todas a questão da violência não é tratada de maneira profunda. Seria essa responsabilidade e violência de total culpa dos torcedores organizados? Seria essa a forma correta de fazer a cobertura e relatar um tema tão complexo?

Notícias como a da morte deste torcedor do Flamengo motivaram e continuam motivando inúmeros debates a respeito do assunto, mas é possível perceber que quase todos eles são tomados de um ponto de vista superficial ou baseados em fontes policiais. No próximo capítulo, se discutirá como o discurso jornalístico é formado, para depois dar sequência à análise de uma série de reportagens relacionadas a casos de violência nas torcidas organizadas, divulgadas pela *TV Globo*. O objetivo é observar de maneira mais ampla e profunda o discurso da mídia em relação às torcidas.

3 – A ANTROPOLOGIA DO DISCURSO JORNALÍSTICO: UM CONFLITO ENTRE O *MYTHOS* E O *LOGOS*

O contexto histórico do futebol e das torcidas organizadas foi acompanhado de perto pelo jornalismo. O Jornalismo Esportivo, apesar de seu caráter mais específico, não se isenta das discussões básicas sobre os discursos jornalísticos, como as construções dos sentidos de realidade e da imparcialidade. Apresenta-se aqui discursos no plural, pois é impossível defini-lo como único devido à quantidade de meios e formas com que pode ser exposto. Neste capítulo, o objetivo será retratar essas discussões, dando início uma análise sobre a visão da mídia sobre as torcidas através de uma série de vinte reportagens da *TV Globo* sobre o assunto. No entanto, antes disso é necessário compreender as questões em torno do discurso jornalístico, para mostrar e encaminhar de que forma será feita a análise essa pesquisa de imagens.

Ainda existe um pensamento muito presente no âmbito do aprendizado do jornalismo e, principalmente, nos veículos de comunicação, de que os discursos jornalísticos possam ser puramente objetivos, um retrato exato do mundo que vemos e vivemos. No entanto, é importante perceber que a partir do momento que são enunciados, esses discursos ganham sentidos diferentes tanto no processo de emissão, quanto no de recepção do acontecimento. No livro *A linguagem do Telejornal*, a autora e professora Beatriz Becker discorre sobre o tema dizendo que “ao nomear e classificar as pessoas, os objetos e as circunstâncias, o homem confere significado a tudo que o rodeia. Toda experiência que pressupõe o uso da linguagem implica, portanto, em construções de sentidos, não existindo discursos neutros, ou livres de intencionalidade” (BECKER, 2005, p. 44).

Ao escolherem critérios de palavras a serem usadas, imagens e falas dentro da notícia, os profissionais do jornalismo passam, então, a dar sentidos aos fatos. Considerando esses fatores, o jornalismo passa a ter a capacidade de construir verdades. No entanto, não se pode reduzir esses processos a uma simples ideia de manipulação, como geralmente é feito nas análises sobre esse tema. Isso significa não considerar que eles fazem parte de todo um trabalho de comunicação. Qualquer ato de comunicação envolve a criação de novos sentidos, porque o uso da linguagem tem essa característica. Existe a ilusão de que tudo que nos é dito, todos os acontecimentos que são traduzidos pelo homem em conceitos, teses, notícias, é mais

real, sem intervenção. Em seu livro *A ordem do Discurso*, Michel Foucault busca mostrar que isso é falso:

O mundo não nos apresenta uma face legível que teríamos que decifrar apenas; ele não é cúmplice do nosso conhecimento; não há providência pré-discursiva que o disponha a nosso favor. Deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em todo caso (FOUCAULT, 2005, p. 56).

O que ele tenta mostrar é que a realidade não tem um significado anterior ao momento que é decifrada ou enunciada. Nesse sentido, Peter Beguer também procura afirmar que “a linguagem não descreve aquilo que por ela é, mas a constitui” (BERGUER, 2000, p. 189).

Observando a sociedade contemporânea, principalmente a brasileira, é fácil perceber que o consumo de notícias seja através de jornais, emissoras de rádio ou de televisão, hoje é um ato mais que permanente, praticamente um ritual instalado na vida das pessoas. Um ato que passou a fazer parte do cotidiano do ser humano todo dia, ato este muitas vezes desencadeado pela falsa impressão de que as pessoas têm de estar se informando sobre tudo no mundo. No entanto, esse hábito de adquirir conhecimento do mundo através das notícias vai além dessa questão, além da vontade de querer se informar sobre os fatos ou da informação imediata ali disponibilizada. O ato de consumir notícias passou a ser culturalmente importante, pois ganhou também o significado de um ato social significativo, independentemente dos conteúdos veiculados e consumidos. Se você não se informa pelos meios de comunicação, não vê os telejornais e não lê os jornais impressos ou online, é como se não estivesse, então, inserido na sociedade contemporânea. A partir desse novo contexto, o jornalismo passa a ocupar uma posição privilegiada no que diz respeito da produção de verdades, influenciando na construção de um real coletivo. É simples imaginar, por exemplo, essa interação quando algo se torna ou não uma notícia. A partir do momento que o acontecimento é retratado na televisão ou nos jornais, ela passa a fazer parte de maneira mais evidente no repertório de atualidade de boa parte da população. É como se ela se tornasse verdade ou realidade somente a partir de sua publicação. Os enunciados dos telejornais funcionam como palavras de ordem. Para Beatriz Becker, “o mundo parece estar controlado por um conhecimento perfeito, absoluto, objetivo e natural” (BECKER, 2005, p.53).

No entanto, os fatos e acontecimentos da realidade não possuem regras pré-existentes do que deve ser noticiado ou não. O ideal seria que tudo fizesse parte deste repertório de

atualidades da sociedade. O que acontece é que essas decisões sobre o que deve ser dado ou não nas mídias obedecem a parâmetros e requisitos jornalísticos.

Toda notícia supõe um fato, um relato e um público. O fato pode ser importante (por exemplo, um pequeno avanço numa pesquisa científica), mas só se torna comunicável como notícia se puder interessar a um número importante de pessoas. Não é nenhuma causa filosófica ou política de verdade que impulsiona a notícia, mas a acomodação da 'opinião pública' (noção recente na História) a uma certa ordem de 'verdades' já estabelecidas, em função de um princípio social de conservação (SODRÉ, 1996, p. 140).

Desse modo, a construção de sentido pelo jornalismo também se dá através das escolhas e das atribuições de juízos dados às notícias para saber entram em um noticiário ou não.

No entanto, a discussão sobre a geração de sentidos pelo texto jornalístico não para somente no debate sobre a questão da ideologia e da crítica à imparcialidade e neutralidade da linguagem da notícia. Não basta apenas afirmar e demonstrar que a existência de um texto imparcial ou neutro é uma utopia, ou denunciar a seleção dos fatos e a presença da ideologia escondida por trás dos sentidos explícitos. Esses problemas são muito relevantes, mas a amplitude das notícias como sistema de construção de sentidos na contemporaneidade vai muito além da simples denúncia ideológica presente no jornalismo e da necessidade de desmascarar os argumentos da objetividade.

É claro que o conteúdo mais textual das notícias também importa, mas se deve levar em conta e dar mais ênfase os sentidos culturais que estas disseminam. As notícias possibilitam que cada indivíduo reviva as situações do cotidiano no mundo através das informações. O hábito de consumir notícias possibilita a produção de reiteraões simbólicas necessárias para firmar os conteúdos que são contados e recontados diariamente nos meios de comunicação (MOTTA, 2002, p.14). A repetição desses conteúdos, principalmente os considerados como caóticos, fora do que se espera, como crimes, corrupção, e no caso do futebol, vitórias, derrotas, rebaixamento de equipes, e um dos pilares desta monografia, os casos de violência entre torcidas, reforça a construção de um pensamento comum e de padrões culturais no inconsciente coletivo.

As notícias são uma forma de transmissão cultural, na qual o fundamento é a reiteração. As histórias são as mesmas, contadas e recontadas diariamente pelos jornais, revistas e telejornais. Essa atividade cíclica de consumo da

notícia é reordenadora, como um sistema cultural. Enquanto sistema simbólico, as notícias contam histórias, delineiam as fronteiras do bem e do mal, do passado e do futuro, do feio e do bonito (MOTTA, 2002, p. 14).

Luiz Gonzaga Motta, em seu artigo *Para uma antropologia da notícia*, traz alguns pontos importantíssimos para um estudo mais profundo do discurso jornalístico. Mais do que uma análise de linguagem, uma análise antropológica. Para ele, a questão da influência das notícias vai ainda mais longe. Elas assumiriam uma forma narrativa e passariam, então, a invadir o terreno dos *mythos*. Este significaria um lado mítico, imaginário da realidade. Interpretadas simbolicamente, as notícias se transformariam em fábulas reais da vida moderna.

Em sua acepção geral e em sua fonte psicológica, o mito é a animação dos fenômenos da natureza e da vida, animação devida a alguma forma primordial e intuitiva do conhecimento humano, em virtude da qual o homem projeta a si mesmo nas coisas, isto é, anima-se e personifica-as, dando-lhes figura e comportamentos sugeridos pela sua imaginação; o mito é, em suma, uma representação fantástica da realidade, delineada espontaneamente pelo mecanismo mental (MONDIN, 1981, p. 9).

Mesmo as notícias que conseguem de algum modo atingir certo nível de objetividade e de imparcialidade, nem essas conseguem eliminar de forma definitiva toda a fabulação, e se consideradas como pequenas partes de um todo, de um conjunto maior de notícias, podem estimular a fantasia, a imaginação, os desejos e as utopias dos leitores, ouvintes ou telespectadores, o que caracteriza o *mythos*.

Segundo a visão de Motta, que tomaremos nessa monografia, “as notícias são pré-configuradas por categorias mitológicas e estão presas, como a literatura, por matrizes mitológicas que as conformam” (MOTTA, 2002, p.14). É como se os jornalistas procurassem nos acontecimentos uma forma de preencher o que já faz parte de sua própria natureza como seres humanos, formas estas que revelam os dramas e as tragédias da *humanidade*.

No entanto, é importante frisar que isto não significa dizer que as notícias sejam algum tipo de ficção ou invenção dos jornalistas, ainda que elas se configurem dentro de um sistema mitológico. O importante a ser percebido nessa questão é que as notícias a partir disso se tornam um sistema simbólico único e bem característico, porque nelas se misturam realidades e fantasias, uma coexistência entre o real e o imaginário.

A partir disso, pode-se afirmar que as notícias seriam o *logos*, que corresponde à razão, aos fatos históricos, lembrando que ao mesmo tempo, estas deixam espaço para subjetividades que dão sentidos do bem e do mal aos acontecimentos, assim como a ideia de passado e de futuro, estimulando desejos, fantasias e utopias. A repetição diária das notícias no cotidiano das pessoas, só reforça ainda mais esse caráter.

Pela sua natureza ritualística e enquanto sistema simbólico, as notícias têm um caráter de fábula, se aproximam de narrativas teológicas. Mas, na sua intencionalidade estratégica, elas não deixam de ser relatos plenos de verossimilhança, porque é a verossimilhança externa, esse compromisso com a história que lhes confere credibilidade para continuar contando e repetindo os temas arquetípicos, que lhes assegura a legitimidade para instalar-se como fonte das fábulas contemporâneas. Elas não constituem um corpo de sentidos elaborados e definitivos e só adquirem esses sentidos fabulares na imaginação dos leitores, telespectadores ou ouvintes (MOTTA, 2002, p.15).

Em suas matérias os jornalistas praticam um exercício diário na tentativa de permanecer o mais próximo possível do fato, o que se traduz, por exemplo, no uso da terceira pessoa, como uma maneira de manter uma distância real do acontecimento. Essa seria mais uma ferramenta lingüística que lhes permitiria manter-se o mais próximo possível dos 100% de objetividade e imparcialidade, e assim relatar de forma fiel a realidade, o mundo como ele é. Desse modo, hoje, Motta afirma que jornalismo talvez seja o último apoiador da causa da “objetividade pura”, um consenso ou regra que é quase obrigatório para que qualquer repórter exerça sua profissão. No entanto, esse fator não retira o seu caráter imaginativo, o que se trata aqui como *mythos*. Dentro das notícias de jornal ou de televisão, *logos* e *mythos* convivem de maneira contraditória e ao mesmo tempo se confundem, gerando uma sensação de realidade misturada à fantasia (MOTTA, 2002, p.15).

Na explicação sobre os modelos de sociabilização presente nas sociedades contemporâneas, Muniz Sodré explica em outras palavras a mesma ideia. Ele emprega a terminologia de Guillaume que faz do relacionamento entre as massas e os modernos meios de comunicação. Segundo ele, “a mídia pertence a um modelo muito geral de irradiação: um centro irradia efeitos das mensagens simultaneamente sobre uma coletividade” (GUILLAUME apud SODRÉ, 2006, p.29). Esse modelo seria oposto a outro, o modelo de encadeamento, que se caracteriza por uma circulação sequencial dos efeitos de coletividade. A epidemia, o rumor, a imitação, a circulação da violência pertenceriam a esse grupo. O que Muniz tenta provar é que esse termo *irradiação* tomado por Guillaume é problemático,

porque hoje em dia não se trata mais de irradiar, partindo de um ponto central, efeitos ou mensagens, uma vez que estes centros são falsos e variados.

Em vez de centros, pode-se falar em ‘lugares’ disseminados de absorção e transformação do fluxo histórico-dinâmico da vida social em projeções fantasiosas que, no entanto, fingem dar conta da realidade em sua máxima objetivação. São, a exemplo dos modernos meios de comunicação, lugares parasitários do social, mas estupefacientes, por seus efeitos tecnológicos, sua velocidade maquinal, seu êxtase imagístico. O imaginário desses lugares é o mesmo da droga (SODRÉ, 2006, p.30).

Dessa maneira, Muniz Sodré preferiu definir que melhor que a palavra *irradiação*, o melhor termo seria *telerealidade*. A racionalização, própria pelo uso da técnica, com telas, vídeos, automatizações, em cima do real tradicional, inclusive do próprio humano, o faria perder sua identidade. A partir disso, segundo Muniz Sodré, projeta-se a *telerealidade* organizadora, a midiaticização.

O apoio teórico deste trabalho também passa pelas as ideias do antropólogo catalão Lluís Duch, retirado do texto de Luiz Gonzaga Motta. Ele contrapõe essa ideia totalmente racionalista do jornalismo, dizendo que o mito é parte inseparável de nossas vidas, do nosso íntimo, pois nossas histórias equivalem às nossas fabulações, nossas biografias. Estas características se mesclam de tal forma que torna-se muito difícil separar o que são elementos míticos de elementos lógicos, o que mostra também que no fundo, nossa natureza é de caráter logo-mítica. Para Duch, policiar sua natureza mítica não é o caminho para o homem ou para a sociedade para refazer a sua forma expressiva. O universo mítico faz parte do ser humano, está enraizado na profundidade de nosso ser, ainda que isso se demonstre de formas diferentes, contraditórias, podendo ser interpretadas de vários ângulos.

O mito possui uma natureza complexa, que responde à inevitável complexidade e ambigüidade do ser humano. Por essa razão, por muito mais que se intente, nunca poderá ser liberado da problemática inerente à existência humana e à vida social. O mito chega a fazer-se atual em todas as épocas e em todos os espaços porque será incessantemente reinterpretado em função das novas variáveis que surgem nos trajetos vitais dos indivíduos e das coletividades (DUCH apud MOTTA, 2002, p.15).

Duch ainda afirma que a função do mito não pode ser substituída por uma “atitude histórica”. Segundo ele, o que ocorre é que o ser humano sempre, e em todo lugar, passa por novos processos de *remitificação*. Esses processos estão profundamente vinculados às

próprias experiências pessoais, que com frequência dão lugar a situações inusitadas, antes nunca passadas, que são bastante difíceis de entender teoricamente (MOTTA, 2002, p.16). Duch explica que “o mito, o trabalho do mito, é algo onipresente, móvel e flexível na existência concreta dos indivíduos e dos povos; é, para resumir, uma exposição e um reflexo global e enciclopédico dos diversos problemas, facetas e aspectos da vida real”.

Como seres humanos, sabemos que a vida, nossa biografia, a construção da nossa história não é baseada de fatos objetivos ou frios. Muito pelo contrário, trata-se de uma narração cheia de altos e baixos e acontecimentos, onde as vontades, as ilusões, os sonhos e a realidade se misturam e dificilmente podem ser separadas.

“Há uma inalienável dimensão mítica em todo ser humano justamente porque as possibilidades reais da existência humana permanecem sempre escondidas, são infinitamente superiores àquelas que se pode tematizar conceitualmente, perceber historicamente e experimentar em cada momento concreto” (MOTTA, 2002, p.16).

Para Lluís Duch, a experiência humana é inevitavelmente influenciada por diferentes fatores, sentimentos e sensações. Isso seria o que ele define como *plasmação* do “caótico”, algo que independe das atitudes e vontades. A partir disso, o mito realiza a junção contraditória entre esses aspectos da existência humana, reconciliação possível, segundo Duch, porque o atributo da *miticidade* é inerente ao ser humano (DUCH apud MOTTA, 2002, p.17).

A aparição da questão do mito em uma época em que se coíbe tanto a existência deste, além de se afirmar a objetividade, se deve à necessidade que o ser humano tem de voltar às suas origens, como se quisesse ver até onde se pode ir. Uma necessidade insaciável de ver o que Duch descreve como “aquilo que não poderia acontecer”.

Volta-se então ao grande problema, e questão antropológica que se deseja estudar nesse trabalho, em relação ao jornalismo: a contradição entre a intenção e a realização. A intenção pode ser a realização de uma matéria que seja objetiva, que mostre todos os lados e vozes de um acontecimento, mas a realização é sempre influenciada por nossas próprias experiências e concepções. Todo discurso humano, ainda que se pretenda ser objetivo e neutro, é comandado e influenciado por vontades implícitas, interrogações e questões que pouco tem a ver com o pensamento lógico do conteúdo com que se interage. No explícito,

nas imagens, nos textos, estaria escondido o que não é dito. Para Motta, o perigo desse tipo de visão ou pensamento, principalmente nos discursos jornalísticos, está exatamente nesse ponto:

(...)as pretendidas reduções do *mythos* ao *logos* correm sempre o perigo de *mitologização* do *logos*, ou seja, da conversão do discurso racional em seu contrário. Desde uma perspectiva da complementariedade entre *mythos* e *logos*, é preciso considerar o diálogo entre os dois, o diálogo da diferença, que inclui as ressonâncias e correspondências, e que permite desvelar o sentido oculto do mero fluir das aparências. Trata-se daquilo que a tradição designa como *coincidentia oppositorum* (MOTTA, 2002, p.18).

Também existe o outro lado da contradição. Tanto o *mythos* está dentro do *logos*, como este também se faz presente dentro do *mythos*. Às vezes, o mito se baseia em estruturas racionais para se estabelecer, como os aparelhos linguísticos, construindo assim também verdades. Tentativas, que segundo Motta, poucas vezes têm êxito, “porque o mito não consegue manter por muito tempo a sua dignidade institucional”. (MOTTA, 2002, p. 19). Ou seja, o *mythos* acaba por sempre entrar em conflito com o *logos* por mais que se tente fazer o contrário, porque este acaba por racionalizar o *mythos*, o que se chamaria do “o *logos* do *mythos*”.

(...) a morte do mito significaria a morte do homem. Nenhum neoliberalismo ascético e controlador conseguirá por um ponto final ao enigmático trajeto humano, à aventura mítica que é tão característica do pequeno bípede sobre esta terra. Crer que um neo-liberalismo qualquer poderia se converter do paraíso reencontrado equivale a uma imperdoável aberração espiritual que levaria a irreparáveis conseqüências para a saúde física, psíquica e espiritual do ser humano (DUCH apud MOTTA, pg 19).

A palavra humana, elemento fundamental dos discursos jornalísticos, é construída por um conjunto de experiências do ser humano, que se mostra de formas expressivas no âmbito do pensamento, da ação e dos sentimentos. Não se trata de um extremo conturbado, nem de uma experiência disciplinada ou regrada. O que se tenta entender pelas palavras de Motta é que a palavra humana é compreendida como uma expressão da junção de elementos a que o homem é submetido ao longo da vida, por mais opostos que sejam.

Neste sentido, o objetivo seria encontrar um meio termo, um meio mais humano entre a narratividade do *mythos* e a logicidade do *logos*. Segundo Lluís Duch, nos últimos tempos, “a palavra humana teria se ‘despoetizado’, perdendo grande parte de sua força “sagrada”, o algo mais que vai além da lógica” (DUTCH apud MOTTA, 2002, p.18). O reducionismo da

palavra humana seria justificada pela busca cada vez maior da supressão do *mythos* na cultura ocidental e pela perda da qualidade da vida humana, expressadas em situação de pobreza e violência, por exemplo, pois esta influencia nossa visão de mundo e nossas experiências (DUTCH apud MOTTA, 2002, p.18). Nesse sentido, cabe perguntar a nós mesmos, protagonistas do jornalismo: Podemos chamar os discursos jornalísticos de mitos? Estariam eles preparados para receber e adaptar-se a coexistência do *mythos* e do *logos*?

O pensamento de Lluís Duch nos obriga a pensar de maneira mais profunda na questão da palavra humana como um todo. Tarefa que se faz fundamental neste trabalho, já que esta é a principal ferramenta de um jornalista. No entanto, é importante pensar também como transferir esse pensamento para uma análise mais prática do jornalismo.

Atualmente, as regras absolutas, quando o assunto é a linguagem dos telejornais, são a imparcialidade, a isenção de valores, visando descrever fielmente o real e ser um espelho da realidade para a sociedade, sem admitir qualquer desvio para a ficcionalidade. Pode-se dizer que nos últimos anos, houve um avanço na quebra desse paradigma e que os jornalistas passaram a aceitar que essa neutralidade frente à história, que esse relato “de fora” do real é uma utopia, um objetivo impossível. É fácil encontrar muitas colunas de jornal, crônicas mais opinativas, mas elas ainda ocupam uma parte pequena desses meios, como se fosse algo “especial”, quando na verdade, deveria existir uma compreensão de que jornalismo e “pessoalidade” caminham juntos. Infelizmente, para o empobrecimento desses meios, a questão da objetividade ainda é o tema central do jornalismo no mundo.

Dando seguimento às ideias propostas por Duch, Motta afirma que a notícia é o terreno das ambiguidades. Esta é o centro da racionalidade e da lógica, mas pela sua natureza, pela natureza de quem a produz, é também a expressão dos dramas e tragédias humanas. É na linguagem jornalística que isso se mostra mais evidente. O racionalismo acompanhado por fantasias, desejos e ilusões do ser humano, sempre como uma oposição. Os textos das reportagens, seja em jornal ou televisão, jamais chegará à objetividade pura. O discurso jornalístico é a mais clara demonstração da ambiguidade da experiência do ser humano (MOTTA, 2002, p.20).

Tomando como base teórica o texto de Luiz Gonzaga Motta e seus fundamentos antropológicos, é exatamente essa ambiguidade, falada desde o início deste capítulo, que se pretende analisar em conjunto com as reportagens. Buscar e estudar a antropologia da notícia significa verificar até onde as notícias conseguem restringir-se ao critério da imparcialidade e

até onde elas passam a se influenciar pelas sensibilidades e imaginários sociais. Compreende-se notícia como um pequeno relato da realidade, obras abertas, que geram lacunas de significados, fazendo com que os espectadores entrem também em ação na complementação de sentidos. São essas lacunas que se pretende identificar nas reportagens através abordagem antropológica da notícia.

A metodologia a ser utilizada para a análise das reportagens é a *narratologia*, como segure Motta em seu texto através das ideias de nomes como Mieke Bal, Tzvetan Todorov e Northrop Frye (MOTTA, 2002, p.21). Para esses autores, a *narratologia* seria a teoria dos textos narrativos, apresentando-se em uma junção de fragmentos narrativos. Na linguagem do jornalismo, isso se traduziria em um conjunto de notícias publicadas sobre o mesmo assunto, no caso desta monografia, sobre violências entre torcidas, durante dias ou semanas seguidas. É importante perceber que individualmente, a maior parte das notícias não serviria para a análise narrativa por vários motivos que vão desde o referencial de tempo até sua objetividade e fragmentação. O texto de uma notícia individual não pode ser analisado como uma construção narrativa, porque é necessária a junção desses fatores em conjunto. A justificativa está na questão de que, quando reunidas em uma sequência de fragmentos sobre um mesmo assunto, as notícias passam a construir uma significação que pode ser vista de maneira mais clara e evidente. Pode-se tomar como exemplo vários acontecimentos retratados nos últimos tempos pela mídia, como por exemplo, a questão dos sem terra, refletidos através do MST, que são sempre retratados como vândalos nos telejornais. Também podemos usar o caso do Furacão Sandy. Ao pensar em como o desastre natural foi retratado, de forma exaustiva pelos meios de comunicação pelo mundo, pareceria que o furacão só havia passado e causado vítimas nos Estados Unidos. Esse não foi o caso, definitivamente, já que o furacão também passou pelo Caribe matando centenas de pessoas, um número muito maior do que em território americano.

Se as inúmeras notícias publicadas sequencialmente sobre aquela tragédia são tomadas como um segmento de sentido unitário, o assunto adquire caráter de uma história com ações, personagens, conflitos e tensões, e caracterizam uma trama com princípio, meio e fim, como qualquer outra intriga narrativa ficcional. O assunto ganha então uma estrutura narrativa típica e se adequa perfeitamente à análise narratológica (MOTTA, 2002, p.21).

Para se tirar as conclusões sobre essa narratividade é preciso ordenar esses relatos sobre o assunto, observando textos e opiniões, além de definir que caminho tomará a análise. O foco é buscar os sentidos produzidos pela narrativa. Dar atenção a que história as matérias estão contando, mais do que dar atenção à linguagem, sem deixar de lado o discurso jornalístico a ser utilizado. Para isso, é necessário buscar as ocorrências, ou seja, as ações, imagens, tempo, sequências, personagens, fontes e tudo que está para além do texto do repórter, sem excluir este claro. Todos esses fatores articulam os sentidos da narrativa. Em seu texto, Motta usa como referência Paul Ricoeur na teoria que “os indivíduos estruturam sentidos em relatos narrativos, nos relatos que contam histórias, um ‘certo modo de conhecer’ a realidade” (RICOEUR apud MOTTA, 2002, p.22).

Através da composição desses fragmentos isolados, os espectadores constroem sentidos - a parte mais importante da argumentação de Luiz Gonzaga Motta - buscando ordenar e dar coerência a essas informações de acordo com suas experiências anteriores, estabelecendo ligações entre eles, buscando conclusões e possibilidades no sentido de solucionar a ideia de acordo com sua experiência de vida. A narrativa tanto pode ler o tempo, como pode ensinar aos espectadores como lê-lo. Da mesma forma, é através de uma estruturação narrativa dos acontecimentos que os indivíduos estabelecem relações de causa com a notícia, combinando fatos como causas e efeitos durante as diferentes temporalidades, ainda que eles não estejam em ordem cronológica (MOTTA, 2002, p.23). Estes são pressupostos que orientam a análise narratológica e que será usada para essa monografia.

Na primeira parte da análise será necessário identificar a estratégia organizativa do texto enquanto notícia, encontrar os porquês de determinadas escolhas, as razões de se recorrer a ferramentas específicas ou opções textuais para atingir aos seus objetivos. Passa a ter extrema importância a observação de noções como emissor, destinatário, intenção, identidades e principalmente a relação entre o emissor e o espectador. A importância dessa fase da análise está na identificação dos fatores extralinguísticos entre o emissor e o destinatário, junção decisiva nesse contexto. A partir disso, têm-se como objetivos conhecer o lugar de fala do emissor, o lugar de leitura do receptor e saber em que situação e circunstâncias estas são postas. Nesse ponto, procura-se pensar em notícias como discursos textuais que tendem a produzir reações específicas de sentido, e de ao mesmo tempo informar, convencer, entreter as pessoas. Deve-se pensar, então, que os diferentes enquadramentos e usos das ferramentas de edição não são ocasionais, mas intencionais, obedecendo a certos

moldes próprios do jornalismo profissional. Outro ponto bastante importante de se identificar é a questão da posição de autoridade dentro da notícia. Observar como ela é construída e de onde vem a fala, as informações que deram embasamento para a pronúncia daquele acontecimento, além de ver a posição do autor do texto, se tem uma visão interna ou exterior ao fato, tornam-se fatores essenciais para a análise. De acordo com Motta, essa primeira etapa permite e exige uma percepção ainda maior e cautelosa sobre a posição do jornalista dentro do jogo com o espectador.

A segunda etapa é o que Motta chama de “análise textual-narrativa”. Seria uma observação da construção da narrativa dentro da notícia, como ela é feita e que elementos a constituem. Em seu texto, ele ainda demonstra o que seriam alguns exemplos desse segundo aprofundamento:

Partindo do pressuposto de que todo texto, toda notícia, denota e conota buscar onde o texto se trai, onde desliza do objeto rumo à subjetivação. Essas pistas podem estar no uso de certos verbos ou certos tempos verbais, na adjetivação, na linguagem hiperbólica, descrição excessiva ou ornamental de detalhes, nas injunções, comparações, referências metafóricas, significados figurativos, nas digressões em torno de personagens, nas polaridades, analogias, etc (MOTTA, 2002, p. 23).

Essas dicas da narratividade também estariam na reconstrução de enredos, no cuidado de analisar as conexões entre dois episódios ou mais, que procuram encontrar traços comuns entre o que é dito no texto e o mundo dos leitores. Com esta observação mais profunda, o mundo dito objetivo das notícias passa a ser visto de outra maneira. Essas duas primeiras etapas resultam na parte mais pragmática do trabalho.

Ainda com base nos critérios de análise de Luiz Gonzaga Motta, a narratividade propõe a existência da ficção, do que para Duch, retratado anteriormente, é a fábula, o simbolismo. Essa referência nos leva ao terceiro passo da análise, uma etapa mais interpretativa e final, cuja função seria entender o que resultado da junção de todas as características observadas nas etapas anteriores, de maneira a demonstrar a presença do *mythos* na notícia. Esse seria o espaço da procura das significações mais profundas, como os padrões de discurso e de imagens, ética e a estética da matéria. A partir deste ponto, essas ferramentas previamente identificadas passam a ganhar um novo contorno, deixando de apenas habitar o conteúdo técnico das notícias para transitar como protagonistas do enredo, aquele que vai unir todos os pequenos detalhes e trazer uma significação ao que está sendo

mostrado. Para Motta, “o que antes eram ‘ingênuas’ notícias de conteúdos imediatos, se mostram agora plenas de sentidos mitológicos, de desejos, ilusões, utopias” (MOTTA, 2002, p. 24).

De acordo com o texto de *Para uma antropologia da notícia*, essa concepção de leitura e interpretação seria bem parecida com a teoria da recepção desenvolvida por Wolfgang Iser. Segundo o autor alemão, quando um texto é lido, este ativa a imaginação do leitor, que não permanece passivo como se costuma imaginar no jornalismo atual e sim ativo. Este leitor ou espectador reage aos estímulos dados pela notícia e dá a interpretação à informação que recebeu. (ISER apud MOTTA, 2002, p.24). Muniz Sodré também fala da questão dessa falsa passividade do espectador:

Por meio do estilo dramático ou espetacular, que “distrai” o público, o sistema imagístico regula as identificações sociais, administra o *ethos* modernizado e estimula padrões consensuais de conduta. Não se trata, pois, de “informação” enquanto transmissão de conteúdos de conhecimento, mas de produção e gestão de uma sociabilidade artificial (...). Isso não implica conceber que o espectador se comporte exatamente como um padrão telereal ou midiático, mas significa que aquela é a marca oficial do sistema organizacional ou tecnoburocrático e que as massas se manterão em silêncio (...) (SODRÉ, 2006, p.76).

Voltando a teoria de Iser, este afirma que já que nenhuma história pode ser contada exatamente como aconteceu, o próprio texto abre espaço para lacunas da própria história e que vão ser preenchidos através da interação do leitor. Os diversos segmentos utilizados no discurso jornalístico - os estudados nas duas etapas iniciais - acabam por fazer um jogo de significação na notícia, entre o que está representado e o que está nas entrelinhas. Aquilo que não está expresso ou claro no texto dá ainda mais incentivo para a produção de sentidos, estimula o espectador a “completar” a informação que está “faltando”. Sentido este fundamentalmente controlado pelas ideias mais profundas já colocadas no texto, pelos elementos extratextuais, perdendo, assim, a conexão com o acontecimento real (ISER apud MOTTA, 2002, p.25).

A teoria de Wolfgang Iser ajuda a entender de forma mais clara a questão da percepção de quem recebe a notícia, para ver como o espectador enxerga o que está sendo mostrado. A leitura nesse caso seria mais um ato de criação, no sentido antropológico, que de recepção. É mais um fator que se pretende provar através da análise das reportagens sobre as torcidas organizadas.

4 – MÍDIA E TORCIDAS ORGANIZADAS: UM OLHAR SINGULAR

Neste capítulo será apresentada uma pequena pesquisa feita nos arquivos da *TV Globo*, do canal *Sportv* e também na internet com uma série de quatorze reportagens sobre torcidas organizadas, feitas entre os anos de 2010 e 2012. É importante destacar que a única expressão usada no período da busca, seja em sites como o *Youtube* ou nos próprios programas de busca de arquivo, foi “torcida organizada”, porque a intenção era achar toda e qualquer informação relacionada a esta, sem direcionar para casos de violência ou confusões. A partir disso, será feita uma análise de acordo com a metodologia e as etapas retratadas anteriormente. O objetivo é descobrir até onde o jornalismo esportivo ajuda na construção de uma imagem das torcidas organizadas. Descobrir de que forma a realidade é interferida pelo imaginário, a impressão e experiência própria do jornalista. Além disso, procurar observar também de que forma essa visão afeta e chega até o telespectador. Desse modo, a análise começará com a parte mais pragmática, mais técnica, referente à primeira e segunda etapa relatada no capítulo anterior.

A primeira matéria analisada (Vide “Matéria 1” em material anexo), exibida no dia 27 de março de 2010, fala sobre a reabertura do Estádio Couto Pereira. Durante a última partida do Campeonato Brasileiro do ano anterior, uma minoria da torcida do Coritiba, time “dono da casa”, invadiu o campo e protagonizou cenas de violência, devido ao rebaixamento da equipe para a segunda divisão da competição. Depois do incidente, o local foi fechado pela CBF e a matéria tratava de falar da reabertura do estádio. Logo no início, nota-se o uso exaustivo das imagens fortes daquele dia, de torcedores se batendo, quebrando objetos e também ameaçando árbitros e policiais, o gera um forte sentimento de choque. Elas são repetidas inúmeras vezes e sempre se referindo às torcidas organizadas. No entanto, fica a questão de onde vem a fonte para tal afirmação. Durante a reportagem únicas vozes a serem escutadas são de pessoas do clube, o treinador Ney Franco e um torcedor envolvido no incidente, que fala de forma rápida, como se estivesse se acusando, e apenas serve para reforçar a palavra e a construção feita pela reportagem. Nas palavras finais, o repórter finaliza dizendo que “o Coritiba espera contar com o apoio verdadeiro que vem das arquibancadas”. Ao escolher a palavra “verdadeiro”, identifica-se uma polarização na matéria entre o que seria “a torcida

má”, a violenta, a que praticou o ato, e a “torcida boa”. Ideia ainda mais presente em outra reportagem sobre o mesmo assunto alguns dias depois.

Na matéria do dia 1 de março de 2010⁴, o texto utilizado segue a mesma regra com frases como “Eles chegam cantando músicas de guerra, trazendo fogos, medo e bebidas alcoólicas”, editados juntos com imagens amedrontadoras e que vão caracterizando a torcida organizada em toda a matéria. Uma construção clara do imaginário do mal, do que deve ser evitado, rechaçado. Logo depois, fala-se que “A entrevista é bem aceita por aqueles que querem de verdade torcer”, mais uma vez destacando o caráter polarizador da fala do repórter, além de dar a ideia de que a posição do jornalista na situação é neutra, o que não se mostra real pelo discurso. Será mesmo que toda a torcida organizada pode ser tomada como responsável pelo incidente no Couto Pereira? A construção da matéria abre espaço para essa construção imaginária do espectador. Ao final da reportagem, o repórter retrata a vaia do torcedor do Coritiba à torcida organizada, numa clara tentativa de separar uma da outra mais uma vez, e cita a frase “o verdadeiro torcedor do Coritiba parece não quer mais pagar pelo que não fez”, desse modo deixando implícita a ideia violenta relacionada às torcidas organizadas como um todo. A opinião e a experiência vivida pelo jornalista estão mais do que colocadas nessa reportagem, que procura destacar sempre a violência das torcidas organizadas, não possibilitando outros tipos de visão.

No dia 15 de setembro de 2010, o canal *Sportv* mostrou a prisão de torcedores filiados a torcidas organizadas do clube Vasco da Gama e do Flamengo, no Rio de Janeiro (Vide “Matéria 2” em material anexo). Percebe-se que o texto do repórter é construído por meio do uso de números e estatísticas, como o número de 150 policiais presentes na operação, o total de onze pessoas presas. Essa ferramenta ajuda na construção de uma objetividade na reportagem e na sensação de informação completa para o telespectador. Observa-se também a utilização repetida de imagens violentas para ilustrar a fala sobre a torcida organizada. Quanto ao conteúdo, surge então uma marca que esteve presente em quase todas as matérias analisadas nesta pesquisa: a fonte policial. O uso de expressões como “Segundo os policiais (...)” e “De acordo com a investigação (...)”, retrata uma ferramenta constante nesse tipo de matéria, o chamado discurso reportado, falado pelo jornalista, mas de fonte direta da polícia.

⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=y4nEJVna768>.
Acesso em: 15/11/2012.

“O discurso reportado cria o efeito de sentido de autoridade e verdade, assim, é construída uma rede de intertextualidade” (RODRIGUES, 2009, p.17). A partir dessa visão, percebe-se que o ponto de vista e toda a construção da matéria são permeados por um olhar totalmente policial, onde fontes e falas são de promotores, delegados e policiais para dar uma sensação de maior veracidade no que está sendo dito.

A matéria divulgada pelo mesmo canal em 7 de janeiro de 2011 (Vide “Matéria 3” em material anexo) se baseia num acontecimento bastante parecido a este último e se refere a prisão de 41 integrantes de uma torcida organizada do clube Atlético Mineiro, indiciados pela morte de Otávio Fernandes, de 19 anos, torcedor do time rival, o Cruzeiro. Assim como relatado anteriormente, essa reportagem também faz uso excessivo de cenas de pura violência para relatar o caso, além de reportar somente a informação a partir da polícia, igualmente com fala de delegados e policiais presentes no caso. Em nenhum momento, representantes ou outros torcedores filiados dessas torcidas foram procurados para dar outra versão sobre o fato.

Outra matéria feita no dia 13 de março de 2011 (Vide “Matéria 4” em material anexo, proporcionou a visão de questões muito interessantes para essa pesquisa. A reportagem fala do carnaval de São Paulo, especialmente dos desfiles de escola de samba. A capital paulista tem um histórico de escolas ligadas à clubes de futebol como a *Gaviões da Fiel* e a *Mancha Verde*, e a notícia tratava do encontro entre três dessas torcidas no evento. Observa-se na matéria que todo o discurso é construído no sentido de possibilitar a imagem de rivalidade, de apreensão, e não no incentivo de uma possível convivência pacífica entre esses torcedores, num contexto que não envolve o futebol diretamente. Essa construção passa por ferramentas como a escolha das entrevistas, onde a intenção do texto do repórter é confirmada por declarações pobres de sentido como “Eu vim, mas eu tenho medo. Depois que acabar o desfile, eu vou embora”. Houve a presença da fala dos representantes dessa “escolas-torcidas”. No entanto, percebe-se que o tratamento não é o mesmo dado quando a fala é pro exemplo do tenente responsável pela segurança do sambódromo paulista, também presente na reportagem. A entrevista feita com o representante da escola apresenta má qualidade na imagem e um discurso também muito pouco aprofundado e que não acrescenta à construção de uma visão diferente na imagem passada pela reportagem ao telespectador. Além disso, percebe-se uma preocupação em mostrar o policiamento do local devido a presença das

torcidas organizadas em números e gráficos a todo momento. Toda a tensão se revela exagerada pelo próprio repórter, que no final da matéria afirma que apesar da grande presença da polícia, não houve nenhum incidente. Cria-se então, um imaginário de tensão e medo antes mesmo do evento, ainda que na realidade nada tenha acontecido. A partir disso, é possível observar que o texto construído pelo jornalista é usado no sentido de criar um problema e não de tentar solucioná-lo apresentando visões diversas ao espectador. É importante frisar, que isso não quer dizer isenção de opinião do repórter, neutralidade já declarada impossível neste trabalho, mas sim uma oferta de visões mais aprofundadas e trabalhadas acerca do tema. Essa antecipação do sentimento de tensão que é criada nos acontecimento que tem a presença das torcidas organizadas foi bastante debatida também na Inglaterra na década de sessenta (CARNIBELLA et al, 1996).

Na metade dos anos sessenta, com a proximidade da realização da Copa do Mundo na Inglaterra, a mídia começou a divulgar uma série de alarmes para tentar mostrar como os *hooligans* poderiam arruinar o evento. A Copa do Mundo aconteceu normalmente sem um incidente sequer, mas o pânico estabelecido quando o assunto era o *hooliganismo* continuou a aumentar. (CARNIBELLA et al, 1996, p.87).

Quando a violência se instaura dentro de campo, a situação e os retratos da violência de maneira chocante no discurso midiático são ainda piores, como retrata a matéria do canal *Sportv* no dia 3 de maio de 2011 (Vide “Matéria 5” em material anexo). A reportagem fala sobre as confusões no jogo entre Vila Nova e Goiás, pelo Campeonato Goiano daquele ano. A briga começou dentro de campo e acabou envolvendo torcedores dentro e fora do estádio. As imagens mais uma vez são usadas como pilares fundamentais da matéria. O sociólogo Maurício Murad defende a ideia de que o exemplo dentro de campo influencia e muito o comportamento dos torcedores (MURAD, 2012). Ele explica fazendo referência às palavras do filósofo chinês Confúcio, que defendia que o exemplo era o elemento mais importante da política.

Em épocas e sociedades tão individualistas, egoístas e agressivas, como as que temos hoje em dia, parece que as propostas de Confúcio se tornam mais importantes ainda. De forma concreta, significa reconhecer que a ética do “bom exemplo” é um dos caminhos mais produtivos socialmente e que por isso deve fazer parte da formação e da consciência de líderes políticos, pais, educadores, artistas e esportistas. Resumindo, de todos aqueles que exercem direta ou indiretamente algum tipo de liderança. (MURAD, 2012, p.96)

A partir da influência exercida pela mídia, em seu poder de informar e na capacidade de transmitir os acontecimentos, não seria esta um base fundamental desses exemplos? A falta de preocupação com as imagens que são expostas para o público continua em outras reportagens.

No dia 2 de setembro de 2012, a o canal *Globo News* produziu um programa especial para discutir a violência entre torcidas organizadas⁵. No início da matéria, o jornalista usa dados históricos, que servem para construir um imaginário de verdade. Logo depois desse breve panorama sobre a história das torcidas, o repórter passa a afirmar sem espaço para dúvidas ou questionamentos que “o tempo do romantismo entre os torcedores acabou”. A partir de então, para ilustrar e evidenciar essa afirmação volta-se ao uso de imagens de torcedores se batendo, gente ferida, espancamentos, no sentido de chamar a atenção do espectador com imagens chocantes dos casos de violência. Isso pode afetar de formas diferentes ao público que recebe essa informação, percepção que será discutida em breve na terceira fase da análise, mas que se faz importante nesse momento. A frase “O *Globo News Especial* tenta entender o porquê da violência (...)” revela a tentativa de se trazer um olhar mais amplo a respeito do assunto. No entanto, o que se vê durante a reportagem são ferramentas que não levam a essa abertura. As imagens violentas continuam nesse sentido, inclusive, com enterros. Destaque também para o uso de palavras como “lamentável”, “facções”, “gangues”, já caracterizando uma opinião e também a criação de uma imagem específica da torcida organizada. Algumas testemunhas desses casos de violência são usadas para falar sobre os acontecimentos, mas sempre mais uma vez no sentido de afirmar as informações e o sentido do discurso dado pelo jornalista. Outra questão que se repete também é o uso da edição na fala de especialistas para ajudar na construção de verdade dessa imagem de que a torcida organizada é sentido de violência e só isso. A fala do sociólogo Maurício Murad, citado nessa monografia várias vezes, no caso ajuda a aprofundar um pouco mais o assunto, mas claramente é afetada por um uso de edição para corroborar com o que é afirmado implicitamente pela reportagem. Dentre os diversos trechos da entrevista de Murad são destacados alguns como “São esses mesmos grupos que hoje aterrorizam a sociedade brasileira e não é só nos grandes centros (...)”. Estes, dentro do contexto construído pela

⁵ Disponível em: <http://globotv.globo.com/globo-news/globo-news-especial/v/aumenta-o-numero-de-mortos-em-brigas-entre-torcidas-organizadas/2119570/>. Acesso em: 15/11/2012.

matéria, podem ser interpretados da maneira errada, colaborar para uma não abertura de visão, além de formar uma possível ideia no imaginário do leitor.

Durante a reportagem a figura do promotor de justiça, Roberto Lisboa, fala que “o ideal seria que as torcidas organizadas ajudassem a justiça a identificar as laranjas podres que estão entre eles”. Essa afirmação traz uma informação que passa despercebida, a de que não se pode generalizar que toda torcida é colaboradora dessa minoria, que nem todos participam desses atos de violência. No entanto, o que se vê na reportagem é a manutenção de um sentido generalizador da imagem da torcida organizada como sinônimo de violência através de mais imagens violentas e falas policiais. Deixa-se de lado questões como de que maneira essa aproximação entre justiça e torcedores poderia ser feita? De que maneira seria feita essa separação entre o torcedor que não se envolve em confusão e aquele que briga? Questões fundamentais, mas que não são aprofundadas.

Por um momento, a fala do presidente de uma das torcidas organizadas do Fluminense, a *Young Flu*, é colocada na reportagem, mas antes mesmo do início de sua entrevista o jornalista usa a informação de que ele já estaria envolvido em incidentes anteriormente. Informação esta que ajuda o espectador a já ter outra visão em relação à sua fala, por mais que este tente comprovar o contrário. Além disso, é importante perceber que ele é o único representante das torcidas em toda reportagem, que dura quase trinta minutos. Os outros são sempre ocultados pelo uso de transparências e efeitos no rosto para não identificação. Das seis vozes identificadas na reportagem, quatro são de policiais e promotores de justiça, uma de um sociólogo e uma curta passagem de um torcedor.

Na questão técnica, nota-se também o uso da sonorização e das músicas na construção do imaginário na reportagem. Tudo colabora para um clima de tensão, de suspense a todo momento. Ainda que a matéria consiga dar uma visão mais ampla da questão da violência entre as torcidas, tratando, por exemplo, da questão da falta de segurança, da falta de infraestrutura dos estádios e em seu entorno, o imaginário violento, o mito da violência nas torcidas é a que prevalece no discurso. Não há uma igualdade de pesos nas visões acerca desse tema. Fala-se muito de uma questão de segurança pública, mas a questão social e antropológica da questão é pouco aprofundada.

No dia 19 de agosto de 2012, outro acontecimento motivou a produção de uma série de novas reportagens sobre a violência nas torcidas organizadas. O torcedor do Vasco, Diego Martins Leal, morreu após uma confusão com torcedores do Flamengo, em Thomás Coelho,

bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. No dia 27 desse mesmo mês, a *TV Globo* exibiu duas matérias sobre a repercussão da morte dele, conectando o assunto com o clima do clássico entre Flamengo e Botafogo no Engenhão.

Na primeira reportagem⁶, exibida no programa *Bom Dia Brasil*, já se percebe pela entonação e palavras utilizadas na introdução da apresentadora que a matéria repetirá o discurso predominante da generalização da imagem das torcidas organizadas. No início do texto, o repórter se refere a canções de guerra, se utilizando ao mesmo tempo de imagens violentas para ilustrar isso. Quando a fala de uma torcedora entra, é simplesmente para dizer: “É, eu tenho medo mesmo”, colaborando assim para a construção uma ideia implícita da reportagem, apenas afirmando o que o repórter já vinha dizendo. O relato de números e estatísticas também se faz presente, com a divulgação da quantidade de policiais presentes no jogo Flamengo e Botafogo, como instrumento para dar mais veracidade à informação. Além disso, também nota-se a presença de verbos como “escapar”, “atacar” quando se fala das ações da torcida. Deve-se dar devida atenção também a um novo fator. Não bastasse a repetição da voz policial ou jurídica nessas matérias, os entrevistados e também as testemunhas se repetem. Nessa matéria, a delegada Cristiane Carvalho, que já havia falado no especial da *Globo News*, volta a estar presente.

Na segunda matéria desse dia⁷, exibida no programa *Bom Dia Rio*, em horário exatamente depois do primeiro citado acima, é interessante perceber que ainda que duas reportagens diferentes tenham sido produzidas no mesmo dia, sobre o mesmo assunto, não há uma preocupação em aprofundar mais as informações ou ouvir outras fontes. Além disso, essa segunda versão repete a reprodução do medo. Ainda que o jogo entre Flamengo e Botafogo não tenha tido nenhum incidente, as informações dadas pelo repórter, como a escolta dos policiais após o jogo e o número de militares presentes, mantém a sensação de perigo, de medo.

⁶ Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/bom-dia-brasil/v/policia-fecha-o-cerco-as-torcidas-organizadas-no-fim-de-semana-no-rio-de-janeiro/2108433/>. Acesso em: 15/12/2012

⁷ Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/bom-dia-rio/v/fim-de-semana-e-marcado-por-mais-violencia-entre-torcidas/2108222/>. Acesso em: 15/11/2012

A morte de Diego também motivou a produção de dois debates. O primeiro no dia 24 de agosto de 2012, exibido durante o programa *Globo Comunidade*⁸, repete a questão da falta da voz da torcida e do uso indiscriminado de imagens violentas na televisão. Os fatos são expostos, mas pouco aprofundados. A visão e a fala é sempre muito policial, ou da questão da segurança pública, mas seria só esse o problema dentro da violência? Além disso, há a repetição dos mesmos personagens usados em outras reportagens como o Tenente Coronel Fiorentini e do promotor Pedro Rubim. Outra questão central nessa reportagem é um paradoxo que muitas vezes não é percebido, mas que tem um significado grave neste tema. O debate apresenta a figura do próprio policial falando sobre as atitudes corretas da polícia, enquanto as imagens mostradas para o público na televisão ao mesmo indicam o contrário, uma atuação igualmente violenta com os torcedores. Em determinada imagem, se pode ver um policial batendo em um torcedor com um pedaço de pau. Porque será, então, que esse tipo de violência não choca tanto? Essa questão também será debatida na terceira parte desta análise.

O segundo debate foi realizado pela *Globo News* no dia 29 de agosto de 2012, pelo jornalista Alexandre Garcia⁹. A situação da repetição das vozes em questão volta a acontecer com a presença de Paulo Garcia, do Departamento de Defesa do Torcedor do Ministério do Esporte, o sociólogo Mauricio Murad e o promotor Pedro Rubim. Se o tema se refere diretamente às torcidas organizadas, como debatê-lo sem a presença destas? Enquanto conta a história de um integrante de uma torcida, o apresentador usa a expressão “rapaz normal” para falar da vista deste antes de entrar para a organização. Logo depois, abre espaço para a utilização do termo “facção criminosa”.

O ano de 2012 foi marcado por mortes de torcedores no Brasil. Segundo estudo realizado por Maurício Murad foram 42 mortos entre os anos de 1999 e 2008, uma média de 4,2 por ano (MURAD, 2012, p.37). Voltando a abril de 2012, outro caso bem parecido com o do torcedor vascaíno no Rio de Janeiro chamou atenção nessa análise. No dia 25 de março de 2012, André Alvez, de 21 anos, torcedor do Palmeiras foi baleado e morto em uma briga com

⁸ Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/globo-comunidade/v/especialistas-comentam-a-morte-de-torcedor-apos-briga-entre-torcidas/2106508/>. Acesso em: 15/11/2012

⁹ Disponível em: <http://globo.com/globo-news/globo-news-alexandre-garcia/v/autoridades-estudam-formas-de-conter-a-violencia-entre-torcidas-no-futebol-brasileiro/2113669/>. Acesso em: 15/11/2012

torcedores do Corinthians no caminho para o Estádio do Pacaembu, em São Paulo, antes do início do clássico entre as equipes no mesmo dia. Na primeira matéria que recontava o ocorrido¹⁰, exibida pelo *Jornal Nacional*, aparece de novo o discurso reportado da polícia e de autoridades para criar um sentido de autoridade. Além disso, a o discurso jornalístico é construído sem nenhuma visão das torcidas, nem opinião, nem fala em relação, por exemplo, à apreensão de materiais das sedes relatada na matéria.

Na segunda matéria de repercussão do ocorrido com o torcedor palmeirense¹¹, o programa *Fantástico*, exibiu reportagem com imagens exclusivas da confusão nas ruas de São Paulo que culminou com a morte de André Alves. Logo no enunciado da matéria, o apresentador se refere ao caso como uma guerra, um confronto, hiperbolizando a situação. É importante perceber que a matéria é toda baseada no uso da imagem para chamar a atenção do telespectador e como forma também de mostrar uma realidade que se acredita “sem cortes”. A sensação de terror, de medo é clara, a partir do momento que a reportagem assume o papel, que deveria ser policial, de reconstituir a ocorrência. A todo o momento se refere à polícia como fonte das informações, mais uma vez a reportagem trata de analisar apenas o fato e não a profundidade do assunto.

Por fim, finaliza-se esta parte inicial da análise com a matéria do dia 9 de outubro de 2012 pelo canal *Sportv*, sobre um jogo de video game chamado *GTA*, que recria no mundo virtual os casos de violência das torcidas organizadas¹². Primeiramente, observa-se a presença repetida da voz do Tenente Fiorentini, a voz da polícia. Durante a reportagem, o próprio repórter se refere ao jogo como uma réplica de outro *game* que já tinha sido proibido no Brasil, por usar de imagens que estimulam a violência. Há um grande paradoxo nesse sentido. Ao mostrar imagens repetidamente do jogo durante a reportagem, e imagens da real violência

¹⁰ Disponível em : <http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/jovem-ferido-em-briga-de-torcidas-tem-morte-cerebral-em-sp/1877181/>.

Acesso em: 15/11/2012

¹¹ Disponível em: <http://globo.com/rede-globo/fantastico/v/divulgadas-imagens-exclusivas-do-confronto-entre-torcedores-em-sao-paulo/1884267/>.

Acesso em: 15/11/2012

¹² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=CyoOKpNf9yY>.

Acesso em: 15/11/2012

durante tantas outras reportagens aqui analisadas anteriormente, não estaria a mídia atuando como estimuladora da violência também? No final da matéria, o jogo é apresentado como uma forma de ficção que é depois executada na realidade, mas pode-se constatar no caso que a mídia poderia ser indicada aqui como construtora desse mesmo sentido.

A terceira e última parte da análise visa entender o sentido construído pelo discurso jornalístico no conjunto das notícias apresentadas. Primeiramente, é importante perceber que este trabalho não pretende defender as torcidas organizadas, mas procura esclarecer que esta não pode ser tratada de maneira generalizada como violenta. O discurso apresentado pelas matérias dessa pesquisa aponta uma clara interferência da experiência e da vivência do próprio repórter na construção de sentido da notícia. Ainda que se possa falar da torcida de forma positiva, a preferência é sempre destacar os fatores negativos, com o uso de imagens, de expressões como “facção criminosa”, “bando” ou “gangue”. A utilização dessas ferramentas afunila uma possibilidade de visões sobre o assunto. A teoria de Wolfgang Iser, relatada no terceiro capítulo deste trabalho, se encaixa perfeitamente nessa questão. Como as matérias não apresentam um conteúdo mais profundo sobre a questão da violência entre as torcidas, o texto das reportagens abre lacunas, dúvidas da própria história, que acabam sendo preenchidas pelo leitor. Espectador este que é induzido ao pensamento generalista, já que das quatorze matérias estudadas aqui, todas transmitem a ideia de uma torcida organizada sempre violenta.

O que a mídia infelizmente deixa de lado é que a maioria dos torcedores que vai ao estádio, ainda que não sejam filiados, vai mais pelo espetáculo da própria torcida organizada do que pelo jogo propriamente dito. Murad defende que os violentos são uma minoria entre os torcedores:

Tanto no Brasil quanto em outros países pesquisados, os pacíficos formam a grande parte dos coletivos de fãs no futebol. Além de primarem por atitudes e comportamentos pacíficos, esses grupos de torcedores procuram agir no sentido de neutralizar os vândalos (...) (MURAD, 2012, p.167).

Mas porque esses torcedores não são representados? Infelizmente, os jornalistas se posicionam de maneira muito restrita quando o assunto é dar espaço para esses torcedores que de alguma forma são ligados às torcidas organizadas. Em entrevista realizada para esta monografia, Eugene Pierrobon, chefe de redação do canal *Sportv*, reforça a tese de que não há espaço para a voz do torcedor organizado.

Nós tomamos o cuidado de não fazer propaganda, de não exaltar os caras. Nós cobrimos como caso de política (...) Não somos contra a torcida organizada, mas esta hoje, infelizmente, é significado de violência. Claro que há um grupo de força nessas torcidas e esses são os caras que comandam a torcida. Geralmente, ligados a diretores, presidentes e altos cargos dessas associações. A gente nunca viu membros de uma torcida organizada expulsar a outros membros por conta de uma conduta violenta. Não vejo um esforço das diretorias em acabar com isso (PIERROBON, 2012).¹³

Nas entrevistas realizadas para este trabalho, percebe-se uma relutância muito grande dos jornalistas em admitir uma abertura para a entrada da voz do torcedor seja ele pacífico ou não. Uma questão que é retratada na fala acima é a da polícia como fonte para as matérias. A partir do momento em que só se trata do assunto com uma visão policial, fica ainda mais difícil entender o porquê da necessidade da fala torcedora nas reportagens. Tudo isso porque dessa maneira, da maneira policial, o único destaque é o torcedor violento, é a visão de um bando de marginais, problemas que a policial realmente tem que resolver. No entanto, o jornalismo deveria seguir no tema de maneira mais profunda. Os próprios jornalistas muitas vezes admitem que há falhas na cobertura, mas nunca no sentido de mostrar o assunto a partir de uma visão mais sociológica.

A gente noticia e torce para o assunto sair logo no noticiário, pra gente parar de falar, mas os casos continuam acontecendo. Goiás, Ceará, são Estados que estão vivendo um drama esse ano e a gente muitas vezes para de acompanhar. Por exemplo, os torcedores do Palmeiras partiram para cima de policiais militares, durante um jogo do time contra o Botafogo em Araraquara. A imprensa não foi cobrar para saber se já identificaram os torcedores, para saber se já foram interrogados. A gente mostra e espera para ver se o assunto vai ser esquecido e eu acho que isso é uma falha que a gente tem (RIZEK, 2012)¹⁴.

A não expressão da existência uma torcida organizada que não colabora de forma alguma com esses atos, incentiva ainda mais a produção de sentidos e estimula o telespectador a completar essa falta de informação pela afirmação de que toda torcida organizada é violenta. Confirma-se aqui a criação do *mythos* da violência entre os torcedores organizados.

¹³ Eugene Pierrobon, chefe de produção do canal *Sportv*, em entrevista a autora desta monografia, concedida em 14/11/2012.

¹⁴ André Rizek, apresentador do programa *Redação Sportv*, em entrevista à autora desta monografia, concedida em 15/11/2012.

Outra questão que pode ser debatida no entorno dessa pesquisa é a legitimidade da violência policial. Em muitas matérias se pode observar a imagem paradoxal dos próprios policiais, que deveriam dar ordem à multidão, batendo nos torcedores enquanto a fala do repórter só trata da violência vinda por parte dos torcedores. A violência por parte dos policiais – que no Brasil são despreparados para lidar com esse problema – é tolerada por ser “oficial”.

A legitimidade do ato de agressão dá um caráter de invisibilidade à violência. Um ato de agressão física entendido com autodefesa, por exemplo, não é percebido como violento. Quando visível, ou mais exatamente, quando enunciável, a violência carrega em si a acusação de ilegitimidade (TADDEI, no prelo, p.1).

Renzo Taddei, antropólogo e grande colaborador dessa monografia, em entrevista cedida ao site *Esporte Essencial*, analisa a questão policial mais afundo. Para ele, a violência é vivida de formas diferentes pelo mundo. O Brasil trata a questão de forma moralista e não sabe lidar com o fato de que a violência nas torcidas organizadas vai além do fator policial e o erro é tratá-lo somente por esse ponto de vista, o que boa parte da mídia faz.

Muniz Sodré também fala em sobre a questão da legitimação da violência policial:

Na atmosfera do *horror show*, em que o sofrimento do outro e o medo coletivo são produzidos como espetáculo, irrompem os discursos moralistas, as pregações em favor do retorno à velha moralidade, como instrumentos da gestão burocrática (policial, estatal) dos riscos de catástrofe. O apelo implícito à proteção dos que detêm o monopólio da violência legítima – ou seja, o Estado com seus dispositivos armados – acaba ensejando o desenvolvimento, na vida real, de uma ideologia policialesca de vigilância e de segurança públicas, aonde vão desaguar algumas diretivas da velha direita política. (SODRÉ, 2006, p.100)

Outra questão que encontrada nesta pesquisa é a utilização exagerada das imagens e detalhes dos atos de violência nas torcidas. A todo momento são mostradas brigas, gente se batendo, sangue, presos e até enterros. Essa ferramenta pode ter uma série de implicações e interpretações do público que recebe essas informações. O objetivo da mídia é expor o problema, na tentativa utópica de melhorar a situação através dessa atitude.

Acho que o nosso papel é mostrar as coisas. Então, quanto mais o *Sportv*, no meu caso no programa *Redação Sportv* quando eu posso, eu sempre falo, quanto mais a gente falar que o estado é de calamidade, que a situação é grave, quanto mais mostrarmos esses números que nunca se matou tanto no Brasil... Acho que a nossa missão é retratar, mostrar e cobrar as pessoas. Eu

não tenho poder de polícia, mas posso cobrar das autoridades. Eu acho que a gente ajuda sim, mostrando o que está acontecendo e dando o espaço que esse assunto merece. (RIZEK, 2012)¹⁵.

No entanto, na Inglaterra, Stuart Hall defendeu em seu trabalho sobre a imagem dos *hooligans* na Europa que a cobertura exagerada desses atos pode ter o efeito contrário. É o que ele chamou de *espiral de amplificação*.

Se a cultura oficial ou a sociedade em geral passar a acreditar que um fenômeno a está ameaçando, e crescendo, esta pode ser levada a uma situação de pânico. Isso muitas vezes precipita a chamada de medidas de controle mais duras. Esse aumento no controle cria uma situação de confronto, onde mais pessoas do que as que foram originalmente envolvidos no comportamento desviante são arrastados para ela. A partir disso, o próximo confronto será então maior, mais exagerado, a cobertura será também maior, assim como o clamor público e a pressão por ainda mais controle (...) (HALL APUD CARNIBELLA et al 1996, p.87).

Outro estudioso nesse assunto, Patrick Murphy, defende a ideia de que esses torcedores violentos gostam de aparecer na mídia como forma de reconhecimento (CARNIBELLA et al, 1996, p.88). Mesmo ponto de vista reforçado por Eric Dunning no trabalho *Figurando o esporte moderno*, que entende que “para eles, a briga é uma fonte central de significado, status ou ‘reputação’, e uma prazerosa incitação emocional” (DUNNING, 2011, p.20).

Não é necessário ir muito longe para pensar o quão paradoxal é a posição da mídia nesta questão. Os atos de suicídio na sociedade são ocultados por esta com o motivo de uma preocupação em não multiplicar esses casos. As imagens de violência pura entre torcidas se enquadram nesse mesmo pensamento, mas nem por isso deixam de ser mostradas à exaustão em reportagens e matérias. A última reportagem apresentada nesta pesquisa ilustra bem esse problema. Nela o jogo virtual das torcidas organizadas é dito como ficção que se torna realidade posteriormente, com a justificativa de que o conteúdo violento pode incentivar a prática da violência entre torcidas na vida real. No entanto, é necessário que a mídia olhe para si mesma, pois ela é uma das maiores responsáveis pela divulgação dessas imagens de violência entre torcidas pelo país. A imprensa, portanto, pode ser apontada também como uma estimuladora nos casos desses casos. O estudo de Murphy na Inglaterra revelou que ao

¹⁵ André Rizek, apresentador do programa *Redação Sportv*, em entrevista à autora desta monografia, concedida em 15/11/2012.

diminuir a reprodução desse tipo de imagem, houve uma grande diminuição nos casos de violência. Só eram autorizadas imagens de julgamentos e punições a esses torcedores violentos (MURPHY apud CARNIBELLA et al, 1996, p.86). Para Muniz Sodré, o prazer de ver imagens de violência vem de um desejo do homem de fazer mal uns aos outros, na medida que todos disputam um mesmo objeto, o poder (SODRÉ, 2006, p.98). Ele ainda reforça que a exibição das imagens de violência nos jornais, na televisão, nas revistas de forma exaustiva é uma tentativa de lidar com a banalização do trágico no cotidiano de hoje. Ninguém, nem policiais, nem torcedores, nem a mídia descobriram ainda o equilíbrio nessa questão.

No livro *Futebol e Violência*, Heloísa Helena dos Reis, retrata essa situação da divulgação de imagens de violência entre torcidas no caso da Espanha. No país, o senado espanhol sugeriu diversas propostas para que a mídia contribuísse no controle e na prevenção da violência relacionada ao esporte. Uma delas se referia exatamente à delimitação do uso de termos agressivos e violentos que pudessem estimular a tensão entre torcedores. Além disso, também foi recomendado aos meios de comunicação que não repetissem exaustivamente as imagens violentas, para não gerar com isso o mimetismo nos jovens que admiram esse tipo de ato e para não satisfazer o exibicionismo de quem pratica os atos violentos (REIS, 2006, p.44).

Por fim, outra questão que pode ser levantada neste trabalho é a frequente criação de um estado de medo e apreensão quando o assunto é a torcida organizada. Durante sua análise sobre as torcidas argentinas, Renzo Taddei também procura explicar este problema através das teorias de Roy Wagner, presentes no livro *A invenção da Cultura* (TADDEI, no prelo, p.8). Um dos conceitos trabalhados por Wagner neste livro é o da *objetificação*. Taddei explica que isto seria “algo que irrompe ou desorganiza os fluxos existenciais, nos quais eventos e expectativas existem num equilíbrio delicado, demanda compreensão, e isso é geralmente construído através de projeções metafóricas”. O resultado desse processo seria a *objetificação*, uma modificação de sentido que daria outro significado ao acontecimento de desordem, de acordo com os sentidos e significados em que o autor se encontra. Esta rede também passa por transformação durante o processo, o que Wagner nomeia como “invenção”. Para ele, nossas experiências, nossos sonhos, nossos corpos funcionam como termômetros para a produção de significados acerca do real. Nossos conceitos seriam as marcas que a realidade em nossa mente, e nós, a partir disso, passamos a criar novos conceitos da realidade.

Através de uma série de objetificações que são parte da tentativa de solucionar os dilemas existenciais do encontro com a alteridade radical, o antropólogo ‘inventa’ cultura do outro, ao mesmo tempo que inventa a sua própria; o outro faz o mesmo mas de forma diferente (...) As convenções e invenções são dimensões importantes no processo de objetificação. Símbolos convencionais dão ao mundo ordem e padrão, e separam os princípios de ordenamento das coisas ordenadas. (TADDEI, no prelo, p.10)

Levando isso para o contexto do futebol, Renzo Taddei busca afirmar que enquanto o Estado - no caso, argentino – busca de maneira neurótica um controle absoluto das massas nas torcidas organizadas, os torcedores buscam histericamente uma maneira de quebrar essa barreira em busca de um protagonismo. No meio desse processo de objetivação, ele explica que dois agentes atuam de forma decisiva na construção tanto da neurose, quanto da histeria. Estes agentes seriam a força policial e a mídia. A análise da imprensa feita pelo autor - e objetivo principal desta monografia - parte do princípio de que a mídia construiria a imagem do torcedor e que logo era passada para a sociedade.

A atividade policial sinaliza aos grupos de torcedores que seus esforços de individualização não serão aceitos pela sociedade (...), o que leva os torcedores a aumentar a energia dedicada a “tornarem-se homens” ou “defenderem a honra do grupo”, ao ponto do comportamento agonístico. Por outro lado, a mídia que tem nas forças policiais seu principal informante sobre questões ligadas à violência das torcidas, mostra constantemente às classes médias e altas que seu mundo ordenado e sanitizado é uma construção frágil, o que leva a pressões por aumento de investimentos em vigilância e policiamento, mais medo da violência, e eventualmente mais comportamento agressivo “preventivo” performatizado pela polícia contra torcedores (...) (TADDEI, no prelo, p.13)

Volta-se, então, à análise feita sobre a reportagem do canal *Sportv* que trata da preparação para o carnaval de São Paulo e que reúne três das maiores torcidas do Estado. A partir dela e das conclusões do texto *A invenção da Violência*, é possível perceber uma construção exagerada do medo em torno das torcidas organizadas, um medo antecipado, mesmo que comprovadamente ao final da reportagem se saiba que não ocorreram incidentes naquele dia. Seja pela fala dos personagens, pela atenção dada a todo momento ao contingente de policiais presentes, tudo colabora para a construção de uma imagem amedrontadora, mesmo que esta não se concretize. Assim, quando se pensa em torcida organizada, não importa a ocasião ou situação, por mais pacífica que seja, se pensa em violência. Em sua maioria, a sociedade, então, objetiva a violência nas torcidas. Utilizando o termo de Roy Wagner, esta seria a “invenção” da violência.

A partir da análise das reportagens neste trabalho, é possível perceber então que a mídia não é a causadora da violência nas torcidas organizadas, mas a maneira com que reporta a realidade é de fato influenciadora. O discurso jornalístico analisado nesta pesquisa revelou-se permeado por interferências pessoais dos jornalistas, o *mythos* da generalização interferindo no *logos* da minoria violenta a todo momento, confirmando a tese de Lluís Duch apresentada no capítulo anterior.

Não obstante, a partir do resultado dessa pesquisa no que se refere ao fazer jornalístico, não se pretende defender no futuro uma posição de imparcialidade do discurso, algo impossível porque somos humanos, carregados de experiências. A análise mostrou que é necessário que se construa um discurso mais aberto a possibilidades de opiniões. Desobstruir esse hiato entre a história contada e a realidade, para que o telespectador possa decidir a partir de suas próprias experiências que interpretação tomar, sem ser totalmente direcionado para tal. O filósofo Michael Foucault no livro *Microfísica do Poder* explicita de forma mais clara a ideia final que se tenta transmitir:

Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos. O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros (FOUCAULT, 1979, p.5).

5 - CONCLUSÃO

A partir do material apresentado nesta monografia, se pode analisar de maneira mais profunda a relação entre os discursos da mídia e sua atuação na construção de uma visão determinada e generalizada das torcidas organizadas. Está claro que este não é o caminho para a resolução do problema. A mídia se estabelece como uma importante mediadora de informações da sociedade, mas deveria atentar para que tipo de informação está transmitindo. A circulação de informações e as ferramentas disponíveis para a imprensa atualmente proporcionam a criação de efeitos de sentido de maneira quase imperceptível, pois se confundem com a própria experiência do ser humano do repórter. Por isso, tamanha preocupação na construção de uma imagem simplista dos torcedores.

O objetivo, então, passa a ser o de se tentar construir um discurso onde o receptor possa direcionar o sentido que quer tomar. Além disso, deve-se procurar aprofundar mais os temas quando a violência na torcida organizada é abordada na mídia, dando voz a esses torcedores que participam de forma pacífica nas torcidas, chamando a atenção para questões dentro das próprias agremiações como projetos sociais, ensino para crianças pobres, atitudes que a maioria das pessoas nem sabe que existe tamanha a generalização do discurso sobre essas torcidas. Esse seria o primeiro passo para a construção de um discurso midiático de maior qualidade no âmbito esportivo.

Para finalizar, já no campo da justiça, as autoridades devem prepara-se para lidar de forma mais direta e observadora com as multidões. Para um efeito positivo a longo prazo, é necessário que os torcedores brasileiros não sejam tratados como bichos e que a polícia esteja cada vez mais preparada para lidar com pessoas, seres humanos, sem preconceitos. Repito, é totalmente errôneo considerar que uma torcida organizada como, por exemplo, a *Gaviões da Fiel* do Corinthians, com mais de 30 mil afiliados, seja por sua totalidade formada por torcedores violentos.

A torcida faz parte do espetáculo que o futebol é para os brasileiros e a extinção dela, defendida por muitos especialistas, não é uma opção. Sem a torcida, o esporte não representaria nem metade do que é no nosso país. A importância do futebol em nossa cultura fez das torcidas organizadas um reflexo da sociedade em que vivemos e tudo o que ela tem de bom e ruim. Da alegria à violência, do trabalho em grupo à corrupção. Desde o início dessa monografia, tentei sempre atentar para como este tema interfere em nossas vidas. Uma maior comunicação entre todos os setores envolvidos nessa questão, polícia, mídia e torcedores,

possibilitaria um maior controle do problema. É necessário encontrar esse torcedor escondido entre uma minoria covarde, porque este na verdade é o que merece toda a atenção. Se a imprensa, principalmente a esportiva, que tem um contato mais direto com esse torcedor mantiver a posição de que todos sem exceção são criminosos, essa bola de violência nunca vai parar de rolar.

É importante perceber também que esse trabalho não deve se esgotar na pesquisa pelo lado da mídia. É necessário também escutar o que o torcedor organizado sente em relação à esse assunto, ou então, ficaríamos presos ao mesmo problema do qual tanto se questionou em relação à cobertura midiática neste trabalho: a ausência da voz do torcedor. Sem dúvidas, essa seria uma proposta para a continuação deste trabalho.

6. BIBLIOGRAFIA

BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro, E- papers, 2005.

BERGUER, Peter. *A construção social da realidade*. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

CARNIBELLA et al. *Football violence in Europe*. Oxford, The Social Issues Research Centre, 1996.

DAMIÃO, Cosme. *Torcidas Organizadas*, programa *MTV Overdrive*, 2007. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=JWA7op2ipKA. Acesso em: 25/11/2012.

DUNNING, Eric. *Figurando o esporte moderno*. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

LOPRETO, Izidoro. *Torcidas Organizadas*, programa *MTV Overdrive*, 2007. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=JWA7op2ipKA. Acesso em: 25/11/2012.

MONDIN, BATTISTA. *Curso de Filosofia – Vol. I*. São Paulo, Paulus, 1981.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Para uma antropologia da notícia*, 2010. Disponível em: <http://www.taddei.eco.ufrj.br/AntCom/Motta.pdf>. Acesso em: 15/11/2012.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e autoafirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais*. São Paulo, Vogal Editora, 1997.

MURAD, Maurício. *A violência no Futebol*. São Paulo, Saraiva, 2012.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. *Futebol e violência*. São Paulo, Armazém do Ipê, 2006.

RODRIGUES, Rosângela Rocio Jarros. *Marcas da subjetividade no gênero discursivo didático – científico*. *Letra Magna*, 2009. Disponível em: <http://www.letramagna.com/subjetividadediscurso.pdf>. Acesso: 01/12/2012

SODRÉ, Muniz. *Sociedade, Mídia e Violência*. Porto Alegre, Sulina, Edipucrs, 2006.

TADDEI, Renzo. *The Invention of Violence*. In SILVA, Daniel (ed.), *Language and Violence: Pragmatic Perspectives*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins Publishing, no prelo.

TADDEI, Renzo. *Esporte Essencial*, 2012. Disponível em: <http://www.esporteessencial.com.br/entrevista/renzo-taddei-torcidas-organizadas>. Acesso em 24/11/2012.

TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. São Paulo, Autores Associados, 1996.

7 – ANEXOS

- ENTREVISTA COM ANDRÉ RIZEK – JORNALISTA DO CANAL *SPORTV* E APRESENTADOR DO PROGRAMA *REDAÇÃO SPORTV*.

Entrevistador (E)

Resposta (R)

E: A mídia tem um papel muito importante na construção da noção de torcida organizada, principalmente no jornalismo esportivo, onde a torcida é o telespectador. Você não acha que por essa proximidade, a imprensa esportiva não deveria abrir mais espaço para ouvir esse torcedor?

R: Primeiro, eu acho que a imprensa esportiva tem muita dificuldade de falar de tudo que sai da quadra. Então, quando a gente fala desse assunto, que é um tema complexo, de segurança pública, de comportamento, já há uma dificuldade natural. A gente já não gosta de tratar nada que seja fora das quatro linhas. Há uma grande dificuldade de falar sobre isso, porque o jornalismo esportivo em sua maioria gosta mais de falar mesmo de jogo, de tática. Essa é uma questão. Eu não sei se a gente deveria ouvir mais os líderes de torcida organizada, porque acredito que a maioria infelizmente tem muito pouco a falar. Posso te falar que a maioria dos que eu conheço são realmente “brucutus”, falam mal, são pessoas violentas, são bandidos na sua maioria. Então, não sei se é o caso de se ouvir mais, mas há uma questão que acho chave. Eu não sou a favor da proibição das torcidas organizadas. Até porque quando eu era moleque, eu tinha um sonho de montar uma torcida organizada com vários amigos meus. Você vai proibir que um grupo de pessoas vá com uma faixa ao estádio? Acho isso um contrassenso. Acredito na tese do sociólogo Mauricio Murad de que a maioria das pessoas sejam pessoas de bem. O que eu acho que falta para a imprensa esportiva não é ouvir os torcedores, os dirigentes, é buscar mais personagens interessantes das organizadas e mostrar que não é só porradaria, mostrar esses exemplos que existem, e discutir esse assunto com uma profundidade maior do que “Ah! É bandido, é gangue, vamos fechar as organizadas!”. O Brasil tem um problema grave de segurança pública, de impunidade e o futebol sofre com isso. Acho que a imprensa esportiva dá pouco espaço para a discussão desse problema, menos do que ele merece, porque o Brasil é líder no ranking mundial de violência no futebol, de

mortes ligadas ao futebol, como diz Maurício Murad, e pouquíssimos jornalistas esportivos estão debruçados sobre essa questão. A gente vê poucas reportagens e investimentos nesse assunto.

E: Sempre que tem briga entre torcidas organizadas ou morte de algum torcedor sempre é noticiada. A questão é o quão profundo é essa notícia, não?

R: Exatamente. A gente noticia e torce para o assunto sair logo no noticiário, pra gente parar de falar, mas os casos continuam acontecendo. Goiás, Ceará, são Estados que estão vivendo um drama esse ano e a gente muitas vezes para de acompanhar. Por exemplo, os torcedores do Palmeiras partiram para cima de policiais militares, durante um jogo do time contra o Botafogo em Araraquara. A imprensa não foi cobrar para saber se já identificaram os torcedores, para saber se já foram interrogados. A gente mostra e espera para ver se o assunto vai ser esquecido e eu acho que isso é uma falha que a gente tem.

E: Um argumento utilizado na entrevista anterior para justificar a não abertura da imprensa para estes torcedores de organizadas é que na opinião destes, a torcida organizada não teria uma parcela pacífica. Seria essa uma justificativa então?

R: Aqui entra outra questão. Por que a gente não procura esse torcedor? Porque o torcedor organizado ele não faz diferente do torcedor comum. Acho que é uma bobagem a gente sempre querer falar com os presidentes e chefes de torcidas como, por exemplo, a Gaviões da Fiel. A maioria da torcida do Corinthians, do Flamengo e do Vasco não é de organizada, não se enxerga nesses seres uniformizados. Esse é um ponto. A gente tem que ouvir torcedores de torcida organizada para falar dos problemas de torcida organizada. Usar torcedor de torcida organizada como representante da torcida como um todo seria um erro, porque eu acredito mesmo que a maioria das pessoas e dos torcedores não se vê representado por esses caras que hoje dominam as organizadas. Acho que torcida e torcida organizada são coisas bem diferentes.

E: Mas diante dessa produção de matérias sobre violência em torcidas e utilizando essa ideia de que só se fala de torcida organizada quando for um problema de torcida organizada não seria uma maneira de generalizar que todo torcedor organizado é violento?

R: O que acontece é que hoje, infelizmente, o que a gente tem de notícia de torcida organizada não é a festa, não são mosaicos, não são mobilizações para ajudar o time. O que se vê, infelizmente, são tiros, casos de vandalismo, depredação, assassinatos... Esses são os assuntos que a gente vem tendo. Poderia ser maravilhoso, a gente ter notícia de que as torcidas organizadas estão fazendo um carnaval maravilhoso em São Paulo, mas o que a gente tem de notícia é o contrário disso. É pancadaria, é depredação, brigas, cenas lamentáveis.

E: Segundo Maurício Murad, as torcidas organizadas mantêm outros tipos de atitudes como a alfabetização de crianças, escolinhas de futebol, entre outros projetos. Para ele, essa seria uma alternativa para a cobertura da mídia e que ajudaria na construção de outra ideia sobre as torcidas.

R: Eu não acho que a imprensa tem que ajudar a construir imagem das organizadas. Quem tem que fazer isso são eles. A imprensa tem que ter a liberdade de selecionar o que ela acha que é pauta. Eu até hoje não tive notícia de um trabalho interessante, social, de uma torcida organizada. Pode ser desconhecimento meu, mas nada que eu ache que mereça uma reportagem minha, por exemplo. Pelo contrário, o que me chamou atenção como jornalista até hoje, infelizmente, é a organização de guerras, a maneira como eles se organizam para espancar as pessoas.

E: De que forma você acha que na construção do jornalismo, das pautas, os jornalistas poderiam ajudar nessa questão da não produção de violência entre torcidas?

R: Acho que o nosso papel é mostrar as coisas. Então, quanto mais o *Sportv*, no meu caso no programa *Redação Sportv* quando eu posso, eu sempre falo, quanto mais a gente falar que o estado é de calamidade, que a situação é grave, quanto mais mostrarmos esses números que nunca se matou tanto no Brasil... Acho que a nossa missão é retratar, mostrar e cobrar as pessoas. Eu não tenho poder de polícia, mas posso cobrar das autoridades. Eu acho que a gente ajuda sim, mostrando o que está acontecendo e dando o espaço que esse assunto merece

- ENTREVISTA COM EUGENE PIERROBON – JORNALISTA E CHEFE DE REDAÇÃO DO CANAL *SPORTV*.

Entrevistador (E)

Resposta (R)

E: Quando ocorrem brigas entre torcidas organizadas, como que o canal dá essa notícia? Como vocês tratam esses casos e quais são as fontes procuradas normalmente?

R: Nós tomamos cuidado para não fazer propaganda, de não ficar exaltando os caras. A gente cobre como caso de polícia, como os casos entre Corinthians e Palmeiras, fora do estádio, longe do estádio... Cobrimos como caso de polícia, vamos atrás do delegado, qual ação que será tomada. Nos casos, por exemplo, em que há mortos, tomamos o cuidado para não colocá-los sempre como vítimas. Tomar o cuidado de perceber se esse cara tava lá por acaso ou se era um dos integrantes de torcida organizada, que sabe dos riscos. A ação da torcida do Palmeiras contra os policiais em Araraquara foi bastante condenada aqui no canal. Não é ser contra a torcida organizada, mas há muito tempo ela é sinônimo de violência. O tratamento é esse.

E: Alguns sociólogos, como Maurício Murad, defendem que é difícil acreditar que uma torcida que tenha dez mil associados seja totalmente violenta. A dúvida que surge pra mim é até que ponto o jornalismo não atua no sentido de generalizar a imagem dessa torcida organizada como violenta?

R: Mas a torcida organizada é sinônimo de violência. Claro que é um núcleo que podemos chamar de “grupo de elite”, “grupo de força”, mas são os caras que controlam a torcida. Você é associado da Raça Fla, vai no jogo, vai torcer, isso é uma coisa, mas a violência que a torcida organizada gera está ligada aos diretores das torcidas. A gente nunca viu a diretoria de uma torcida organizada expulsar membros de suas torcidas por agirem de uma forma violenta no dia seguinte. Eu não lembro, tenho que pesquisar, mas não lembro de nenhuma ação nesse sentido. O que acontece é que a torcida organizada é um grande negócio, como por exemplo, a Mancha Verde e a Gaviões da Fiel, que tem como braço a escola de samba, como justificativa de existência, mas que tem seu lado violento. Todas as torcidas organizadas têm

um núcleo violento. Eu não percebo um trabalho por parte das diretorias para tentar acabar com isso. Quando se faz uma pressão, se tem uma resposta muito generalista, como “Vamos expulsá-los”, mas as brigas continuam acontecendo, as invasões de uma facção contra a outra. Hoje elas brigam fora do metrô, fora do estádio e em lugares longe, fora dos horários dos jogos. Então, não é todo mundo. Você vê torcidas com vinte, trinta mil associados, mas existe o pelotão que é de briga, de gangues. Não há por parte das torcidas uma política clara para encontrar uma maneira de como combater isso.

E: O jornalismo esportivo tem um contato mais direto com o torcedor por falar do esporte principalmente. A partir disso, você não acha que deveria haver uma maior abertura para a voz desses torcedores na mídia? Não é excluir os casos de violência organizada, mas sim ter também a voz do torcedor retratada nas matérias.

R: A gente poderia sim, mas são muito poucas. Vamos supor, “a gente marca uma briga, mas ajuda um orfanato”. Ao mesmo tempo que a torcida organizada faz uma boa ação, ela é responsável por não reprimir uma massa. Se é para falar, vamos falar de tudo, do orfanato, das brigas. Você tem as escolas de samba, mas ao mesmo tempo você tem as confusões. Eu não li, posso estar enganado, por parte da Gaviões da Fiel nenhum esforço para tentar detectar os caras que jogaram fogo no Anhembi, em São Paulo. Quando tem briga entre torcedores de Vasco e Flamengo no centro do Rio de Janeiro você não vê nenhum presidente de torcida se manifestar falando “Vamos combater. Vamos expulsar. Vamos punir severamente”. São pessoas que usam sua marca para o lado negativo, então se você acredita naquela entidade, se você quer melhorar, você tentaria combater aquilo.

E: Mas se agissem dessa maneira, eles encontrariam espaço?

R: Encontrariam. Se você tiver a boa vontade, se você resolve assumir e combater, com certeza toda a imprensa vai querer noticiar. Por exemplo, o presidente “fulano de tal” da Raça Fla expulsou dezenove membros da torcida por descumprimento do regulamento interno da entidade. Mas você não vê, você não encontra ninguém lá dentro com um discurso pacifista real. Os caras levam armas, bombas, facas... Acho que é tudo muito racional, é muito pouco movido pela paixão clubística. Você não marca uma briga pelo *Facebook* ou pelo *Orkut* com dez dias de antecedência e vai falar que agiu de forma passional ou porque estava com o

sangue quente. Há muitas notícias de torcidas que vão às sedes da outra e matam outros integrantes. Quem é que sofre com isso? O torcedor que não é de organizada e que acaba no meio de uma torcida e é espancado, roubado, ou mesmo torcedores da própria torcida que passam pelas mesmas coisas.

E: Existe uma questão de segurança também relacionada a essa não abertura às vozes desses torcedores?

R: Não. O canal estaria totalmente aberto se as punições fossem uma ação realmente efetiva por parte das torcidas. Uma coisa é você falar no seu discurso não à violência, quando depois chega uma operação da polícia que prende vinte membros da sua torcida. Ou você é um diretor que está lá encima e foi totalmente aleijado do processo, o seu discurso não vale nada e você é um presidente fantoche, ou você está sendo cínico. E nesse momento, o discurso é cínico. Todas as vezes que você reúne esses caras para falar eles negam, mas dois minutos depois estão saindo no braço, ameaçando. Torcida organizada tem muito dinheiro, relações sempre muito nebulosas com os clubes, invadem os treinos, que vai mais ou menos de acordo com o recebimento de ingressos, etc.